



MEMÓRIA, MUSEU E HISTÓRIA: CENTENÁRIO DE MAX WOLFF FILHO E O MUSEU DO EXPEDICIONÁRIO

MEMÓRIA, MUSEU E HISTÓRIA: CENTENÁRIO DE MAX WOLFF FILHO E O MUSEU DO EXPEDICIONÁRIO



DECEx - DPHCEx - CEPHiMEx
RIO DE JANEIRO 2012

O BARBENTO MAX WOLFF MARCHANDO PARA A MORTE.

Organizado por
DENNISON DE OLIVEIRA
Colaborador
CLÁUDIO SKORA ROSTY
CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS DE HISTÓRIA
MILITAR DO EXÉRCITO

MEMÓRIA, MUSEU E HISTÓRIA:
CENTENÁRIO DE MAX WOLFF FILHO E O
MUSEU DO EXPEDICIONÁRIO

DECE_x - DPHCE_x - CEPHiME_x
RIO DE JANEIRO
2012

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS DE HISTÓRIA MILITAR DO EXÉRCITO

Espaço Cultural Laguna
Criado pela Portaria Nº 96 – DECEEx, de 31 de agosto de 2010

Chefe do Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEEx)
General-de-Exército UELITON JOSÉ MONTEZANO VAZ

Diretor do Patrimônio Histórico e cultural do Exército (DPHCEEx)
General-de-Divisão EDUARDO JOSÉ BARBOSA

**Chefe do Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército
(CEPHiMEx)**
General-de-Brigada R1 MARCIO TADEU BETTEGA BERGO

**Departamento de História da Universidade Federal do Paraná
(DEHIS/UFPR)**
Professor Associado III DENNISON DE OLIVEIRA

Conselho Editorial

Presidente

General-de-Brigada R1 MARCIO TADEU BETTEGA BERGO – Chefe do
CEPHiMEx

Membros Efetivos

Coronel R1 CLÁUDIO SKORA ROSTY - Chefe da Seção de Pesquisa
Histórica do CEPHiMEx

Coronel R1 CARLOS ALBERTO NACCER – Chefe da Seção de Heráldica
e Medalhística Histórica do CEPHiMEx

Capitão ELNATAN BERNARDES DOS SANTOS – Chefe da Seção de
Musicologia do CEPHiMEx

1º Tenente OTT LALINE TELLES DE MENEZES – Chefe da Biblioteca
Técnica do CEPHiMEx

FC JORGE DE SALLES CUNHA – Programador Visual do CEPHiMEx

R.General Canabarro, 731 – Maracanã – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20271-204
Tel (21) 2565-8390

Capa: Ana Paula Oneda

Impresso na Imprensa Universitária da Universidade Federal do Paraná com recursos do edital 04/2012 COEX/PROEC - Fortalecimento e Divulgação da Extensão da UFPR.

Memória, museu e história: centenário de Max Wolff Filho e o Museu do Expedicionário / Organizado por Dennison de Oliveira, colaboradores Claúdio Skora Rosty. Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército. – Rio de Janeiro: [s.n.], 2012.

132 p.

978-85-65480-03-1

1. História do Brasil. 2. História Militar Brasileira. 3. Força Expedicionária Brasileira. 4. Segunda Guerra Mundial. 5. Max Wolff Filho. 6. Museu Expedicionário. I. Oliveira, Dennison de (Org.) III. Rosty, Claúdio Skora (Col.). III. Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército.

CDD 355

1º Tenente OTT Bibliotecária Laline Telles de Menezes

O conteúdo dos artigos é de inteira responsabilidade de seus autores.

Este livro é dedicado à memória do
Mestre em História pela UFPR e
Segundo Sargento de Cavalaria
Alessandro dos Santos Rosa
1976-2012

Sumário

Apresentação	02
--------------------	----

Parte I – Evento de Extensão Universitária “Centenário de Max Wolff Filho” (LPE, SEC-PR, CEPHiME_x, UFPR)

Valores militares – Sargento Max Wolff Filho: um exemplo	
Marcio Tadeu Bettega Bergo	05
Fonte Inédita – Entrevista com a Sra. Hilda Wolff, filha do Sargento Max Wolff Filho – Herói da Força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial	
Claudio Skora Rosty	21
Os sargentos alemães de Vargas: o caso de Max Wolff Filho	
Dennison de Oliveira.....	45

Parte II - Projeto de extensão universitária “Guia do Museu do Expedicionário” (LPE, SEC-PR, UFPR)

Dennison de Oliveira.....	52
Torpedeamentos e guerra naval	
Nikesara Luana de Jesus.....	68
Forças aliadas na Itália e suas dificuldades	
Andre Felipe Nakano Teixeira.....	70
Oficiais da FEB de Alto-Escalão	
Filipe Marcel Brito de Souza.....	73
Sentando a Púa: FAB e a guerra aérea	
Angelita de Paula & Jacqueline Monteiro dos Santos.....	75
Transportes, armas e comunicações da FEB	
Victor Reis Chaves Alvim.....	78
Armas Portáteis da FEB	
Gabriel Kotaka de Orte.....	85
Petrechos pesados	
Simone Souza Guaselle.....	87

Enfermagem	
Gabriela Larocca Nicolle & Tanner de Lima.....	96
Acampamento	
Vinicius Rodrigues Mesquita.....	99
Forças do Eixo	
Lana Beatriz Baroni.....	102
Propaganda na Segunda Guerra Mundial	
Antonio D. Greff de Freitas & Danilo de M. Prandi.....	104
A Guerra que não acabou: pós-guerra, luta por direitos e a Legião Paranaense do Expedicionário	
Bruna Estevão Costa Oliveira & Luís Fernando Costa Cavaleiro.....	107
História da Legião Paranaense do Expedicionário e Memória de Guerra	
Ana Karen Vieira Guimarães.....	111
Sala Max Wolff Filho	
Daniel Doria	113
Max Wolff Filho: um perfil social	
Solange de Lima.....	120
Representações da Morte no Museu do Expedicionário	
Adriane Piovezan	122
Hiroshima e Nagasaki	
Augusto Alves.....	127
Curitibanos na Luftwaffe: histórias quase anônimas	
Isabelle Giotto Rocker.....	129

Apresentação

Esta obra apresenta os principais resultados de atividades de extensão universitárias, nas quais estiveram envolvidas a Universidade Federal do Paraná (UFPR), na pessoa do prof. Dr. Dennison de Oliveira, do Departamento de História (DEHIS) e o Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército (CEPHiMEX), na pessoa do seu chefe, General de Brigada R1 Márcio Tadeu Bettega Bergo e do Coronel R1 Cláudio Skora Rosty, Chefe da Seção de Pesquisa Histórica.

Tais atividades dizem respeito, por um lado, à participação dos acima citados no Evento de Extensão Universitária “Cem anos de Max Wolff Filho” (3/08/2011). Este evento foi uma iniciativa da Legião Paranaense do Expedicionário (LPE), na pessoa de sua presidente Sra. Valderéz Archegas, e da Secretaria de Cultura do Estado do Paraná (SEC/PR), na pessoa da Sra. Genilda Callera Ullmann. Cabe registrar também a participação do General Ítalo Conti no evento. Ele prestou um emocionante e objetivo depoimento como testemunha ocular da morte em combate do Sargento Max Wolff Filho, na condição de capitão observador da Artilharia,

presente ao posto de comando de onde se observava aquela fatídica ação.

Por outro lado, este livro traz a público, também, uma versão aperfeiçoada do principal produto do Projeto de Extensão Universitária “Guia do Museu do Expedicionário”, da qual são entidades participantes o DEHIS/UFPR, a LPE e a SEC/PR. Trata-se de uma síntese de duas diferentes versões (2011 e 2012) do “Guia do Museu do Expedicionário”, também disponíveis *on-line* para *download* público e gratuito.¹

Os estudos respectivos, ora publicados, visam divulgar junto à comunidade de pesquisadores, professores, profissionais, estudantes e interessados no tema da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial as mais recentes conclusões às quais chegaram os pesquisadores da UFPR e do CEPHiMEx. Em continuidade apresentar uma nova versão do “Guia do Museu do Expedicionário”, contribuição de membros da UFPR, profissionais e estudantes, participantes do projeto “Guia do Museu do Expedicionário”. Este, aliás, oficialmente chama-se

¹ Disponíveis na página do Curso de História da Universidade Federal do Paraná no link “publicações”. Reprodução permitida desde que citada a fonte. Disponível em <http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/graduacao/publicacoes/> Conheça também o livro “A Força Expedicionária Brasileira e a Segunda Guerra Mundial: estudos e pesquisas” no mesmo link.

“Museu Max Wolff Filho”. Cabe destacar aqui as contribuições dos integrantes do CEPHiMEx que auxiliaram no entendimento da importância da vida e obra do Sargento Max Wolff Filho no que se refere ao papel deste Herói para o Exército Brasileiro, no ano do seu centenário de nascimento. Tais avaliações serão enriquecidas com a publicação de uma fonte inédita, da mais alta valia, a entrevista com a filha única daquele heroico militar, a Sra. Hilda Della Nina (nascida Wolff), residente no Rio de Janeiro. É importante notar que ambos os textos serão úteis para as atividades de extensão desenvolvidas no Projeto de Extensão Universitária “Guia do Museu do Expedicionário”, das quais o CEPHiMEx considera importante participar.

Esperamos que esta obra possa se constituir em uma contribuição ao avanço do nosso processo de conhecimento sobre tão marcante tema, qual seja, a participação do Brasil naquele conflito, bem como de divulgação dos objetivos e propósitos das atividades de extensão universitária desenvolvidas em conjunto pelas entidades envolvidas.

Boa leitura!

General de Brigada R1 MARCIO TADEU BETTEGA BERGO
– Chefe do CEPHiMEx

Parte I – Evento de Extensão Universitária “Centenário de Max Wolff Filho” - LPE, SEC-PR, CEPHiMEX, UFPR (03/08/2011)

Valores militares: Sargento Max Wolff Filho – Um exemplo

Gen Bda R/1 Marcio Tadeu Bettega Bergo²

Onde há fé, há força. Onde há ideal, há vontade. São esses valores que mudam o mundo, renovam as crenças e fortalecem os homens. Juntos, representam a diferença entre aqueles que apenas sonham e os que fazem. Entre os que desistem e os que vencem. (*Rinaldo Campos Soares*)

1. INTRODUÇÃO

A presente publicação tem como objetivos ressaltar a importância dos valores e crenças para o Exército Brasileiro, divulgar e incentivar a preservação do patrimônio histórico cultural imaterial e exemplificar, com vultos históricos, atuações notáveis.

Auguste Comte, filósofo positivista francês, afirmou que “Os vivos são cada vez mais necessariamente governados pelas culturas deixadas pelos mortos.” Com isto, tencionou dizer que

² Chefe do CEPHiMEX. E-mail: bergo@dphcex.ensino.eb.br

temos o exemplo de nossos ancestrais e a figura de pessoas ilustres como inspirações para as nossas vidas. O presente vem do passado e projeta-se para o futuro.

A civilização se constitui num conjunto crescente de conquistas teóricas e práticas, acumuladas com o passar dos tempos e legadas de geração a geração. Cada um de nós pode “sentir” a presença daqueles a cujos esforços se deve o estágio atual de nossa evolução.

A grandeza e a robustez das instituições são proporcionais aos seus fundamentos. Assim, entidades como Nação, Pátria e Estado, representantes dos anseios de uma sociedade em busca de felicidade e bem-estar, dependerão, para o sucesso, das bases sobre as quais se assentam.

Na construção e na manutenção de tais edificações, as forças militares desempenham papel fundamental, a elas cabendo preponderância na formação dos Estados Nacionais, na defesa e segurança de seus espaços vitais. Por sua natureza, os militares têm aspectos peculiares no desempenho de suas funções.

2. HISTÓRIA

O termo “história” vem do grego “historie”, “testemunho”, no sentido daquele que vê. É a ciência que se dedica a olhar para o passado e a estudar e analisar seus eventos significativos, com referência a um povo, um país, um período ou um indivíduo específico.

A História, ao manter vivas as lembranças das grandes realizações, atua como supridora de energia vital para uma sociedade, estimulando-a e impulsionando-a em sua marcha neste mundo. George Orwell, em “1984”, afirmou que “Quem domina o passado domina o futuro: quem domina o presente domina o passado”.

Os episódios marcantes podem ser positivos ou negativos. Dos favoráveis, se retiram ânimo e incentivo para o progresso. Dos adversos, provêm valiosos ensinamentos.

A História tem imenso valor e importância na compreensão do estágio atual de desenvolvimento de um povo, explicação de suas crenças, suas tradições, suas idiossincrasias e seu modo de proceder.

Como disse o Marquês de Maricá, “Uma nação já não é bárbara quando tem historiadores.”

3. HISTÓRIA MILITAR

História Militar é segmento da História voltado aos assuntos militares. É ligada à Política e realiza o estudo de guerras e batalhas, verificando a evolução dos materiais, do armamento, da tática e da estratégia.

Como já exposto, a atividade militar se faz presente na evolução das diversas nacionalidades, desde delimitações de fronteiras até a formação de Estados, além de outras influências e das atividades precípuas de defesa.

A História Militar pode ser abordada pelos aspectos humanos, sociais, econômicos, tecnológicos etc, todos estes fatores integrantes das lidas castrenses.

4. HISTÓRIA MILITAR NO EXÉRCITO BRASILEIRO

Neste limiar de uma nova era, nosso Exército pratica um aperfeiçoamento contínuo, visando à sua modernização e o ajuste aos novos tempos. Neste processo, a História Militar cumpre um relevante papel, com projetos e subprojetos que contribuem para o resgate e a manutenção da nossa memória militar.

No ano 2000 foi implementado o Projeto História Oral do Exército (PHOEx). O objetivo era colher e registrar declarações de militares e civis que participaram das atividades de maior relevância em que o Exército foi protagonista. O arquivamento organizado do pensamento desses profissionais constitui-se em importante fonte de consulta primária para futuros estudos.

Em 2010, foi criado o Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército (CEPHiMEx), uma arquitetura muito mais abrangente. A Diretriz Geral do Comandante do Exército, de 9 de maio de 2007, determinou ao Sistema de Educação e Cultura a adoção de medidas para incentivar o estudo de assuntos relacionados à História Militar e ao emprego contemporâneo de forças militares. O mesmo dispositivo determinou, ainda, que a pesquisa e a divulgação da História Militar do Brasil seriam objetivos prioritários das atividades culturais no âmbito da Força. A missão foi assim definida: “desenvolver estudos e pesquisas no campo da História Militar, constituindo-se em um polo irradiador de conhecimentos”.

Para cumprir tal finalidade, são os seguintes os objetivos do Centro:

- Estudar e pesquisar a evolução da arte da guerra e do pensamento militar no mundo moderno e no Brasil, com vistas ao desenvolvimento da doutrina e da liderança militar;
- Contribuir para a preservação dos valores e tradições do Exército Brasileiro e da memória institucional da Força;
- Promover o intercâmbio entre instituições, pesquisadores e estudantes que se dedicam ao tema;
- Cooperar com o ensino e a pesquisa da História Militar nos Estabelecimentos de Ensino do Exército; e
- Conduzir o Projeto História Oral do Exército.

Coerente com tais propósitos, e dentro do fixado na Política Militar Terrestre, que tem, como seu Objetivo 2 “Preservar os valores, as tradições e a memória da instituição”, o Sistema de Educação, a cargo do Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEx) tem, integrado à Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército (DPHCEx), um órgão especializado e dedicado a responder a tão importante demanda institucional

5. EDUCAÇÃO

O conceito “Educação” é muito mais abrangente do que o de ensino, pois não contempla somente atividades referentes ao conhecimento, como ensino, aprendizagem, avaliação educacional, formação, capacitação de docente e pesquisa científica. Abrange, ainda, medidas destinadas à transmissão, à construção e ao desenvolvimento de valores morais e éticos, contribuindo para a formação de cidadãos. Em nosso campo específico, visa à formação profissional mediante práticas compatíveis com o valor militar, mediante uma educação continuada. Envolve, por fim, atividades de desportos e educação física.

Como afirmou John Dewey, filósofo e pedagogo norte-americano, “Educação é um processo social. É crescimento. Não é preparação para a vida, é a própria vida.”

No Exército Brasileiro, o processo educacional acontece em todos os momentos, nos estabelecimentos de ensino e corpos de tropa. A formação se dá nas atividades cotidianas, com o desempenho de atributos como liderança, exemplo, orientação precisa e correção de desvios. Se consolida na convivência dos militares, tanto em seus ambientes familiares como no

relacionamento social. E se completa, em âmbito nacional, com o afluxo de cidadãos aos diversos espaços culturais mantidos pela Força Terrestre.

6. A INSTITUIÇÃO MILITAR

Os usos e costumes castrenses são frutos da maneira de agir dos soldados, consequência da atuação para satisfazer necessidades de autodefesa. A existência dos povos sedimenta as instituições políticas e militares. A cultura brasileira é indissolivelmente conectada à sua cultura militar. Esta, por sua vez, tem características marcantes, derivadas de um passado de lutas. Há um justo orgulho pela conquista e manutenção do extenso território. E não só de batalhas é feita nossa glória, mas também de outros encargos no tocante ao desenvolvimento nacional.

O militar é o “*militas estatarius*” dos romanos, aquele que vigia de pé, sempre atento.

Se dos cidadãos, são esperados valores individuais, morais e cívicos, no meio militar este compromisso é mais incisivo e visível. O Soldado é o braço armado da sociedade,

espera-se dele cumprir o seu dever. Com sacrifícios, inclusive o da própria vida.

Por estas razões, a vida militar valoriza princípios imprescindíveis, exige dedicação integral e impõe muito mais deveres do que oferece regalias. Ela exige perfis moldáveis às diversas especializações, é, em suma, um sacerdócio.

Portanto, ao militar é exigido um caráter muito mais rígido do que os demais cidadãos. A “ética militar” é a própria ética, porém mais rígida, disciplinadora e restritiva.

As palavras do Gen Otávio Costa sintetizam tal situação: “A carreira militar não é uma atividade inespecífica e descartável, um simples emprego, uma ocupação. É um ofício absorvente e exclusivista, que nos condiciona e autolimita até o fim. Ela não nos exige as horas de trabalho da lei, mas todas as horas da vida, nos impondo também nossos destinos. A farda não é uma veste, que se despe com facilidade e até com indiferença, mas uma outra pele, que adere à própria alma, irreversivelmente, para sempre”.

7. VALORES MILITARES

Dentre as atribuições do CEPHiMEx se encontra a preservação dos “valores militares”.

A palavra “ética” significa valores e princípios que regem a conduta humana. Vem do grego “ethos”, caráter, modo de ser de uma pessoa. É construída com base em valores históricos e culturais.

“Valor” é qualidade humana de natureza física, intelectual e moral que desperta admiração ou respeito. É um conjunto de princípios ou normas que, por corporificar um ideal de perfeição ou plenitude moral, deve ser buscado pelos seres humanos.

“Virtude”, por sua vez, é qualidade do que se conforma com o considerado correto e desejável. É hábito adquirido ou tendência inata para as boas ações.

Daí se depreendem os valores que cultuamos, a sedimentação das inúmeras experiências vividas pelos profissionais fardados e pela instituição armada, que são transmitidas de geração para geração ao longo da história, até que se transformam, naturalmente, em princípios e costumes, verdadeiras normas de conduta, que passam a nos orientar o ser

e o fazer. São a base do nosso patrimônio histórico-cultural, herdados dos antepassados e consolidados ao longo do tempo, definem o caráter do soldado do Exército Brasileiro. Não são requisitos, mas compromissos, propósitos colimados como primordiais à sua própria razão de ser e à sua própria essência. Em última instância, são os compromissos de caráter moral que a instituição elegeu para perseguir por meio de um processo contínuo de realimentação.

Os Valores Militares cultuados pelo nosso Exército, encimados pela missão atribuída à Força, se traduzem por:

- Patriotismo. Constitui-se de amor à Pátria, culto à sua História, aos Símbolos Nacionais e às suas Tradições. É o próprio conceito de Nação.
- Dever. É cumprir a legislação, obedecer à autoridade. É possuir determinação, dignidade, dedicação e responsabilidade.
- Lealdade. A observação da verdade e da sinceridade. É camaradagem e fidelidade aos compromissos.
- Probidade. Construída com honradez, honestidade e senso de justiça.
- Coragem. É decidir e implementar a decisão, mesmo sob risco de vida.

O Soldado Brasileiro se compromete a, no desempenho de suas missões, observar tais ditames. O momento marcante, que representa seu real ingresso na Força, se dá quando, perfilado perante o Pavilhão Nacional, em posição solene, braço estendido, mão espalmada, pronuncia seu solene Juramento:

“Incorporando-me ao Exército Brasileiro, prometo cumprir rigorosamente as ordens das autoridades a que estiver subordinado, respeitar os superiores hierárquicos, tratar com afeição os irmãos de armas e com bondade os subordinados. E dedicar-me inteiramente ao serviço da Pátria, cuja honra, integridade e instituições defenderei, com sacrifício da própria vida.”

Aos oficiais, chefes e condutores das tropas, um compromisso adicional é firmado, quando ascendem ao Primeiro Posto:

“Perante a Bandeira do Brasil, e pela minha honra, prometo cumprir os deveres de Oficial do Exército Brasileiro e dedicar-me inteiramente ao serviço da Pátria.”

8. EXEMPLOS HISTÓRICOS - MAX WOLFF FILHO

A ação da Força Terrestre no Brasil se faz notar ao longo da História. O próprio Descobrimento foi uma operação militar, logo seguida da ocupação e defesa das novas terras. Variados episódios pontilham a longa caminhada, entre os quais se destacam a delimitação das fronteiras meridionais e ocidentais, Guararapes (1648/1649), a Independência, a Guerra da Tríplice Aliança (1864/1870), a Proclamação da República e outros movimentos onde foi preciso o emprego da força para manutenção da ordem e da integridade do território.

Também a integração e o desenvolvimento ocuparam nossas atenções, como o desbravamento da Amazônia. E, mais recentemente, a participação em Missões de Paz, onde o Soldado Brasileiro demonstra seu valor e sua fibra.

Mas o grande momento, onde a coragem e o destemor foram mais impactantes, se encontra na 2ª Guerra Mundial. E é lá que vamos encontrar a figura ímpar do Sargento Max Wolff Filho, líder e herói.

Wolff se alistou, em 1930, com dezenove anos, no 15º Batalhão de Caçadores (atual 20º Batalhão de Infantaria Blindado), em Curitiba-PR. No ano seguinte, foi transferido

para o 3º Regimento de Infantaria (Rio de Janeiro-RJ, então Capital Federal). Em 1932, já promovido a Cabo, combateu a Revolução Constitucionalista, sob o comando do Capitão Euclides Zenóbio da Costa, tendo sido ferido gravemente. Foi promovido a 3º Sargento, por sua coragem e destemor. Conquistou, assim, a estima e a confiança de seu comandante de subunidade.

Quando o então Major Zenóbio, em 1934, foi encarregado de organizar e dirigir a Polícia Municipal do Distrito Federal, trouxe, para comporem o novo corpo policial como instrutores e preparadores dos novos efetivos, elementos de sua mais absoluta confiança. Entre os selecionados, estava o Sgt Wolff.

Na Polícia, Wolff desempenhou importantes funções e se desincumbiu de variadas tarefas, sempre cumpridas com eficiência e bravura.

Em meados da década de 1930, casou-se com Nair, que lhe deu uma filha, Hilda.

Criada a Força Expedicionária Brasileira (FEB) e aberto o voluntariado, inscreveu-se para integrá-la. Incorporou-se às fileiras do Exército no 11º Regimento de Infantaria, de São João del Rei-MG, última unidade a embarcar para a Itália. Foi

incluído no estado efetivo do 1º Batalhão de Infantaria (1º BI), seguindo logo depois rumo aos campos de batalha.

São fartamente conhecidas suas atuações em combate e muito relatados os seus feitos. Das todas as anotações, referências e registros se podem depreender suas qualidades e virtudes, que podem ser elencadas como coragem, vontade, determinação, bravura, desprendimento, noção do dever, espírito de sacrifício, disciplina, iniciativa e sangue frio.

Max Wolff Filho é um herói e um digno exemplo dos valores militares cultuados por nossa Força.

9. CONCLUSÃO

As Instituições não sobrevivem e progridem somente por força de suas estruturas físicas e de suas pujanças financeiras. Elas também vivem e progridem pelo valor dos recursos humanos que as mantém e operacionalizam o bom uso de suas infra-estruturas.

O Exército Brasileiro é detentor de um rico acervo imaterial, pleno de condicionantes fundamentais para o permanente fortalecimento e renovação de sua identidade.

Nossa Força Terrestre se transforma, em adequação aos tempos atuais. Neste processo, dá grande valor à História Militar e cultua, com ênfase, a ética e os valores militares. Ao estudar, pesquisar, registrar, divulgar e cultuar os grandes feitos pretéritos, estão sendo oferecidas ao público de hoje valiosas ferramentas para o conhecimento do passado, o entendimento do presente e o planejamento do futuro. Em adição, se cumpre o precioso papel de transmissão de valores, tão necessários à existência de uma sociedade.

O resumo de nossos valores pode ser encontrado na oração:

“Creio em Deus Pai, todo poderoso, o Senhor dos Exércitos.

Creio no futuro de grandeza do Brasil, a Terra de Santa Cruz.

Creio na grandeza da missão do Exército, de defender a nação do estrangeiro e de si mesma.

Creio que à Pátria tudo se deve dar, nada pedir, nem mesmo compreensão.

Creio que o militar deva fazer do amor à Pátria a sua religião, através da qual se chega a deus.

Creio no amor à liberdade, à paz e no espírito democrático da nação.

Creio na boa índole e no espírito de tolerância do povo brasileiro.

Creio na rija têmpera do nosso soldado, capaz de enfrentar todos os desafios.

Creio que a vida militar é uma profissão de fé, de abnegação, de sacrifício e de servidão à pátria.

Creio que ser soldado é mais que uma profissão: é missão de grandeza”.

Max Wolff Filho, brasileiro de têmpera, foi um verdadeiro Soldado, dotado de todas as características aqui citadas. Autêntico exemplo de um homem possuidor de valores militares.

Fonte Inédita: entrevista com a Sra. Hilda, filha do Sargento Max Wolff Filho, Herói da FEB na II Guerra Mundial

Claudio Skora Rosty³

Observação preliminar: Os trechos grafados [0:00:00 - tempo / Parte do vídeo] marcam palavras ou expressões não compreendidas ou não audíveis da fala do entrevistador ou da entrevistada.

³ Chefe da Seção de Pesquisa Histórica do CEPHiMEX. E-mail: claudiorosty@gmail.com

Cel Skora Rosty: *Estou com D. Hilda, filha do Sargento MAX WOLFFF FILHO. Nós, do Centro de Estudo e Pesquisa de História Militar do Exército, estamos muito interessados nas informações que a senhora possui referentes ao seu pai. Este ano nós comemoramos o centenário do nascimento do Sargento Max Wolfff, grande herói da tomada de Monte Castelo e Montese, mais especificamente Montese. A primeira informação que nós precisamos ver com a senhora é a data de nascimento dele. Nós temos alguns documentos do Exército que são datados de 1912, mas também outros de 1911, e as comemorações ficaram um pouco prejudicadas por isso. Então eu queria saber da senhora essa data e as comemorações que vão ocorrer nesse período e das quais a senhora vai participar.*

Sra. HILDA: Pois não. Realmente, o nascimento dele foi 29 de julho de 1911, então este é o ano do centenário, então vai haver uma comemoração da EsSA (Escola de Sargento das Armas), que é a Escola de Sargentos do Exército — Escola Sargento Max Wolfff Filho — e eles vão fazer o lançamento de um selo, comemorativo justamente a esse centenário. Eu gostaria até de mostrar aqui a foto, não do herói de guerra, que é a que normalmente se conhece, que vai sair inclusive ... mas esse é o pai que eu tenho na lembrança, que é uma figura menos sisuda

do que aquela que aparece nos livros. É realmente em 2011 o centenário dele.

Cel Skora Rosty: *As comemorações, além da EsSA, vão ocorrer também no 20º BIB (Batalhão de Infantaria Blindado) que é a unidade onde ele se apresentou, que na época era o 15º BC (Batalhão de Caçadores) e também na Legião Paranaense do Expedicionário. E o interessante, está sendo convidado o Gen Ítalo Conti, que é o general que do seu PO, conduzindo o tiro de artilharia com o binóculo, viu o momento do ocorrido, e com a participação do Gen Bergo, do Centro de Ensino e Pesquisa de História Militar do Exército e mais o Prof Dennison, da Universidade Federal do Paraná⁴. Essas são as comemorações e os locais aonde tem um acervo bastante interessante sobre Max Wolff, vai se prestar então essa homenagem nesse período do seu centenário de nascimento. Nós até tínhamos feito um convite à senhora e um dos motivos dessa nossa entrevista é podermos levar para esse encontro essas informações que nós estamos obtendo nesse momento.*

⁴ Professor dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em História da UFPR. Autor de biografia do Sargento Max Wolff Filho in: **Os Soldados Alemães de Vargas**, Curitiba, Editora Juruá, 2008. Pp. 59-93 “O maior dos heróis: o caso de Max Wolff Filho”. E-mail: kursk@matrix.com.br

Mas vamos voltar, então, ao Sgt Max Wolff. Ele era de uma família — o 5º filho — de cinco filhos. Eu li em algum lugar que chamavam ele de “Bruda”.

Sra. HILDA: É um apelido carinhoso em alemão, uma designação ... — eu não tenho tradutora de alemão — mas sei que é um apelido carinhoso. Ele Bruda e o irmão menor Bubi, eram apelidos carinhosos que na certa mãe, pai e os irmãos deram a ele.

Cel Skora Rosty: *Ele também escrevia para os irmãos, não é?*

Sra. HILDA: Sim, escrevia.

Cel Skora Rosty: *Existe uma carta interessante que ele escreveu para Dona ...*

Sra. HILDA: Isabel.

Cel Skora Rosty:... *Isabel.*

Sra. HILDA: Que era a irmã querida dele.

Cel Skora Rosty: *A irmã favorita?*

Sra. HILDA: Irmã querida, a irmã tão querida, que durante a guerra ele a nomeou, vamos dizer, como minha tutora, caso acontecesse alguma coisa com ele. E ela era, inclusive, minha madrinha também. Além de tia, era minha madrinha também.

Cel Skora Rosty: *D. Hilda, as informações que eu li sobre o Sgt Max Wolff, o pai dele, Max Wolff, era austríaco e tinha uma torrefação de café, aonde muito cedo Max Wolff o ajudava.*

Sra. HILDA: Certo.

Cel Skora Rosty: *Depois, também, a gente tem as informações referentes de que ele parece que mudou de trabalho, para erva mate, uma empresa de navegação do rio Iguaçu, alguma coisa referente ao mergulho que ele fez junto a um barco A senhora sabe alguma coisa sobre isso?*

Sra. HILDA: Sobre isso não. Eu sei que ele era “arteiro”, porque as poucas vezes que eu estive no Paraná junto aos meus avós, enquanto vivos, eu ouvi comentários das artes que ele fazia, e a vovó era uma criatura muito brava, o vovô não, era mais tranquilo. Já li alguma coisa a respeito, mas não tive informação direta na família, então realmente não posso lhe adiantar. Sei que uma vez correndo da vovó porque ela ia lhe corrigir alguma coisa, ele se jogou — a torrefação tinha um andar superior — ele se jogou de lá e quebrou as duas pernas. (Risos). Isso é o que eu soube na hora em que eu estive lá com eles. Porque poucas vezes eu fui ao Paraná. Fui em criança, eles com vida, fui eu devia ter uns três ou quatro anos, tem até uma foto, eu estou junto com um primo, na frente da casa, e depois

disso não voltei mais. Então eu só retornei lá eu já estava com 18 anos. Então esse período todo eu fiquei sem ver a minha família.

Cel Skora Rosty: *E ele nasceu em Rio Negro, não é?*

Sra. HILDA: Nasceu em Rio Negro, depois eles foram para São Mateus ...

Cel Skora Rosty: *São Mateus ...*

Cel Skora Rosty: *Em São Mateus parece que teve alguma coisa que ele defendeu um amigo que estava sendo agredido por um grupo de outros meninos ... O que é que a senhora sabe a respeito?*

Sra. HILDA: Ouvi, também, histórias, ele era, realmente, vamos dizer assim, o “defensor”, sempre do mais fraco. Eu acho que isso começou cedo. Inclusive quando eu estive em Rio Negro, eu ainda conheci a professora dele, mas ela me garantiu que em criança ele era muito educado e muito quieto (Risos), mas quanto ao mais eu não sei realmente, porque, veja bem, meu pai — eu estive lá só com 4 anos — depois ele faleceu eu estava com 10, quer dizer, essa fase foi uma lacuna realmente sobre a infância dele. Eu conheci foi o pai carinhoso que eu gostaria muito de falar para você, para todos os que estiverem nos ouvindo, porque o que fica nos livros, muito, é a figura do

herói, do herói. Inclusive na biografia dele está que ele era uma pessoa carinhosa, os subalternos o chamavam de carinhoso, e na realidade ele era um homem muito carinhoso.

Cel Skora Rosty: *Protegia seus soldados ...*

Sra. HILDA: Protegia seus soldados, era carinhoso, era sereno, aquele tipo de pessoa que não eleva a voz, sabe? Eu me sentia muito segura do lado dele. Quando eu queria brincar com as amiguinhas, quando ele chegava do trabalho à noite, que eu queria brincar com as amiguinhas na rua — naquela época a gente podia se dar ao luxo de brincar com as amiguinhas na rua, de roda, não sei o quê — eu queria que ele ficasse me olhando, por que aí as meninas mais velhas não iriam me boicotar, era uma segurança. Mas ele era o pai carinhoso, que se preocupava muito com a minha saúde, antes de ir para o trabalho tinha aquele cuidado de me fazer tomar banho frio, porque eu tinha bronquite, de desembaraçar meus cabelos que eram longos, de bater uma boa gemada, de me fazer tomar mate, porque é um costume do Paraná, não é, eu fui criada tomando mate. Então, aquelas pequeninas coisas. O que ficou na minha cabeça, realmente, foi esse pai, de preparar a comida que eu gostasse, eu era muito ruim de comer, então de me dar comida com muita

paciência, de me levar ao médico para me dar banho de luz, que naquela época se usava para quem tinha bronquite ...

Cel Skora Rosty: *A senhora tinha bronquite?*

Sra. HILDA: Tinha bronquite, e o que é que acontece? Eu tinha que ficar numa sala isolada tomando banho de luz, a porta fechada, ele ficava do outro lado da porta conversando comigo, para que eu não ficasse com medo, entendeu? Quer dizer, por tudo isso é uma figura fora do contexto. Os pais podem ser amorosos, podem ser carinhosos, mas pelo que eu vejo hoje — já tenho uma longa jornada de 75 anos — então eu ainda não encontrei um pai assim. Fico muito feliz, muito envaidecida de saber que ele está sendo homenageado como herói, mas para mim sempre foi homenageado por ter sido o pai que me deixou essa lembrança.

Cel Skora Rosty: *A gente percebe, pelo que a senhora está falando, o porque que ele sempre se apresentava como voluntário, talvez fosse uma forma até de proteger o soldado.*

Sra. HILDA: Creio que sim. E ele era corajoso!

Cel Skora Rosty: *Em missões que ele recebesse ele se apresentava como voluntário e levava com ele aqueles que ele tinha bastante confiança no cumprimento da missão. No momento em que ele embarcou para a Itália. Como é que a*

senhora recebeu essa notícia e até mesmo a preparação, no momento em que ele teve que fazer aquela operação de hérnia, porque ele estava com idade um pouco fora ...

Sra. HILDA: É, ele se apresentou, ele não foi convocado. O que acontece: eu não me lembro de tê-lo visto partir indo para uma guerra. Eu acho que isso não me foi levado, entendeu? Eu acho que isso não foi dito. Por que eu me lembro da figura dele dando “tchau” como se ele fosse para o trabalho, normal, e eu fui para o colégio, fiquei interna no colégio e lá é que comecei, as freiras começaram a me falar que ele tinha ido para a guerra. Ele não me falou que tinha ido para uma guerra. Não sei se ele não teve coragem, não sei o que aconteceu. Ou se falou, isso não está gravado na minha mente. Então lá elas começaram: “vamos rezar para o papai, para ele voltar logo”, entendeu? Tanto que na hora em que foi dada a morte dele, a minha avó soube através do rádio e depois recebeu um telegrama que está até guardado aqui, elas não me disseram que ele havia morrido, porque na realidade não havia comprovação de que houvesse sido morto. Ele tinha tombado, tentaram resgatar o corpo dele, não conseguiram, e o corpo ficou durante alguns dias para depois ser resgatado. Então, inclusive, a minha avó, como toda mãe, ela achava que ele estava desaparecido, porque primeiro ele foi dado primeiro

como desaparecido. O Exército levou dois anos para confirmar a morte dele. Eu acho que é o prazo que eles levam para dar realmente uma pessoa desaparecida como morta. Então vovó dizia que para ela ele estava com amnésia, estava morando na Itália e qualquer hora ele iria aparecer. Quer dizer, foi uma fantasia que ela criou para superar aquela dor muito grande que deve ser a perda de um filho, não é isso? Então, para mim, quando a freira veio falar, ela não veio dizer que ele havia sido morto, ela veio dizer: “papai está desaparecido”. O que é desaparecido para uma criança de dez anos em 1940? Pensa: vai voltar, vai aparecer. Então eu não chorei, eu não senti trauma, eu não entendi a situação. Passaram-se os anos, as coisas acontecendo, a coisa foi vindo, foi vindo, e eu me lembro que durante muitos anos eu não queria nem pensar na figura de papai, por que para mim é como se ele tivesse ido e não quisesse voltar. Eu acho que isso calou muito forte dentro de mim, essa sensação de perda não comprovada. Por que eu acho, inclusive, que quando você se depara: a pessoa morreu, você se depara com a pessoa morta, você se conscientiza da morte dela. Não houve isso, não é? Então eu fiquei como uma criança órfã, mas não existia isso para mim. É como se a coisa tivesse acontecido, mas eu não dimensionava o quão grande era isso. Eu me lembro

que a primeira vez que eu chorei assim convulsivamente eu devia ter uns quinze ou dezesseis anos, que eu tive consciência de que realmente ele tinha morrido. Então, na época, não houve isso. Não houve. Mas ficou, realmente, a lembrança muito querida do herói enaltecido, mas ele é enaltecido por mim todos os dias, em que eu rezo para ele, porque eu acho que ele deve estar, eu acredito em Deus, ele deve estar no canto dele usufruindo daquela glória que os católicos acreditamos que haja junto a Deus.

Cel Skora Rosty: *D. Hilda, em que momento da sua adolescência, a senhora tomou consciência do herói que foi o seu pai, o Sgt Max Wolff Filho?*

Sra. HILDA: Ah, isso veio através de informações pelos livros. O jornalista que acompanhou toda a guerra, ele escreveu um livro, não sei se você está sabendo disso, então isso me foi presenteado, porque realmente eu não tinha noção do que havia acontecido. Inclusive eu fiquei assim muito chocada quando eu encontrei lá que ele era viúvo, porque nesse livro consta que ele era viúvo, que ele viajou, que tinha uma filha de nove anos, na época em que ele viajou, e que ele era viúvo. Não é verdade. Ele tinha se separado da minha mãe. Ela morreu agora, em 2003, quer dizer, ele não era viúvo. Então eu fiquei tomando

conhecimento através do livro desse jornalista do que havia acontecido, porque, como eu disse a você, eu não tinha, eu estava junto dos meus avós. Eles estavam com todos os feitos de papai que eram anunciados em jornais, eles tinham recortes, eles guardavam. Eu não tive isso, eu não tive essa lembrança. Eles fizeram, sabe, toda aquela passagem, todas as coisas que eles ouviam no rádio, era assim um mutirão de pessoas trazendo coisas para vovó e para o vovô. Então eles sofreram o dia-a-dia durante a guerra, depois da guerra. Eu só vim ter acesso a isso, depois quando estive com a minha avó, com dezoito anos. Aí é que eu fui saber, porque vovó, inclusive, ela encheu a casa de fotos de papai, colocou luto, não tirou mais, ela e vovô, e ela só fazia visitas — nunca saía da igreja — visitas, visitas, visitas, e durante as visitas em que eu participei, a fala era única: só sobre papai. Só, mais nada. Quer dizer, isso foi realmente um trauma muito grande para a família, porque ele pode ter sido muito levado, mas eu percebi que ele era muito querido.

Cel Skora Rosty: *Muito querido.*

Sra. Hilda: Muito querido. Então a consciência de militar que ele era, eu vim tomar depois, depois de adulta, porque antes eu não tinha noção disso. Eu ia, às vezes — ele foi comandante da Polícia Municipal, se eu não me engano — e era instrutor de jiu-

jiu-jitsu. A essas aulas de jiu-jitsu ele me levava, e eu era assim super paparicada pelos alunos dele. E havia assim uma série de apetrechos: escadas, e eu ficava subindo, cavalo-de-pau, e eu ficava ... quer dizer, para mim era uma farra, entendeu? Ele me levava para o trabalho dele e aquilo para mim era uma brincadeira. Mas como militar, como herói, só posteriormente, através da mídia que eu fui tomando conhecimento.

Cel Skora Rosty: *Voltando um pouquinho, ele sentou praça para servir, no 15º BC, em Curitiba.*

Sra. Hilda: Certo.

Cel Skora Rosty: *E ali ele serviu por um ano. E depois ele veio aqui para o Rio de Janeiro. A senhora sabe qual foi o motivo, como que levou essa transferência?*

Sra. Hilda: Não tenho conhecimento.

Cel Skora Rosty: *Ele chegando aqui no Rio de Janeiro, no 3º RI, já como cabo, conheceu o capitão Zenóbio da Costa, e foram participar da Revolução Constitucionalista de 32, em São Paulo. Nessa revolução, ele foi ferido gravemente, o sargento, na época cabo Max Wolff. A senhora tem algum conhecimento sobre isso?*

Sra. Hilda: Tinha dos ferimentos. Era tinha era um rombo aqui. Adorava colocar o dedinho aqui. Tinha outro aqui, tinha o corpo cheio de marcas.

Cel Skora Rosty: *Ah, tinha vários?*

Sra. Hilda: Tinha, tinha vários. Mas aquilo para mim era brincadeira. Não havia “nem nascido” ainda.

Cel Skora Rosty: *Era muito pequenininha.*

Sra. Hilda: Era muito pequena, mas o corpo já mostrava os ferimentos.

Cel Skora Rosty: *Nesse período que ele ficou gravemente ferido e se recuperou, ele foi promovido a sargento, e Zenóbio da Costa a Major. E voltaram ao Rio de Janeiro. Zenóbio da Costa foi então designado para montar, organizar, e ser o primeiro diretor da Polícia Municipal da capital federal, e ele vai então buscar, dentro do Exército, aqueles em que ele tinha maior confiança. Um deles era o Max Wolff Filho.*

Sra. Hilda: Que veio a ser o comandante.

Cel Skora Rosty: *Que veio a ser o comandante, para treinar os integrantes desse grupo. E o Max Wolff veio a ser até chefe de um carro de polícia, de um carro de patrulha. Nesse momento em que ocorre a guerra. Max Wolff, ao saber que Zenóbio ia*

comandar, procurou então se alistar e aí parece que ele teve um problema de saúde. A senhora sabe qual é?

Sra. Hilda: Certo. Ele teve uma hérnia, não é? Então ele foi barrado justamente por causa dessa hérnia. Ele se internou, fez a cirurgia e foi para guerra todo enfaixado.

Cel Skora Rosty: *O momento em que ele se alista para o Exército, é o momento em que ele se separa da D. Nair?*

Sra. Hilda: É, D. Nair. É foi pós-separação. Aí, realmente, foi o momento que ele se apresentou e que eu fui colocada num colégio, pois não haveria quem cuidasse de mim, já que meus avós e meus tios todos moravam em Curitiba. Então ele entregou minha tutela a um grande amigo.

Cel Skora Rosty: *Seria o padrinho de casamento?*

Sra. Hilda: Não, o padrinho de casamento era Jorge. Me lembro dele porque era muito brincalhão. Não, esse não era padrinho de casamento dele, chamava Amaral, era casado, tinha uma filha também, mais velha do que eu, e a cargo dele que eu fiquei. Saindo do colégio aos domingos eu ia para a casa dessa família.

Cel Skora Rosty: *O tutor, não é?*

Sra. Hilda: Ficou como sendo o tutor, e eu tenho diversas cartas ele prestando contas não só das finanças como falando do meu estado, por que eu tossia muito [0:04:33 / parte II] que eu

tinha ficado boa, porque ele tinha conseguido me dar um xarope de agrião com terebentina, e que eu já não estava tossindo mais. Então através dessas cartas então é que eu fiquei sabendo.

Cel Skora Rosty: *O nome do colégio que a senhora ficou?*

Sra. Hilda: Santos Anjos. Quando ele foi para a guerra, era o Nossa Senhora da Piedade, que era lá perto de onde eu morava, porque nessa época a gente morava no Encantado.

Cel Skora Rosty: *Ah, lá no Encantado.*

Sra. Hilda: Lá no Encantado. Então o Nossa Senhora da Piedade, antes dele ir para a guerra, eu já era aluna do colégio, mas não interna, era semi-interna. Quando ele foi, eu fiquei em regime de internato.

Cel Skora Rosty: *Ai foi para o Santos Anjos?*

Sra. Hilda: Não. O Santos Anjos foi depois que ele morreu.

Cel Skora Rosty: *Ah, depois que ele morreu. Santos Anjos ficava na Tijuca?*

Sra. Hilda: Tijuca. Ficava na Tijuca.

Cel Skora Rosty: *D. Hilda, ele após essa operação de hérnia, ele fez nova inspeção de saúde e ele tinha um ofício do general Zenóbio da Costa de apresentação, sem data, em que ele mesmo acaba colocando a data para fazer parte do escalão em que o 11º Regimento de Infantaria, em São João D'El Rey estava*

embarcando. E assim então ele vai, como 3º sargento, excedente, porque o quadro de 3º sargento já estava completo. Isso é importante porque ele chega na Itália, as missões que eram dadas às companhias, aos pelotões, aos sargentos, ele ficava numa posição junto da companhia de comando, junto ao comandante do batalhão, e ele passa a ser um assessor, praticamente, desses comandantes, como o coronel Guimarães, Acyr Guimarães. A primeira missão de Max Wolff foi no momento de Monte Castelo em que uma companhia estava necessitando ser remuniciada e ele se apresenta voluntariamente para levar munição a essa companhia, e de retorno ele trazia feridos, ou seja, a maior parte das patrulhas que ele realizava, ele sempre estava trazendo feridos no retorno da missão. Eu li, em algum lugar, que ele participou entre 32 e 36 patrulhas, de reconhecimento, de remuniciamento, de restabelecimento de comunicações, de resgate de feridos e outras atividades, mas sempre se apresentando voluntariamente. Os companheiros de batalha que voltaram, que combateram junto com o seu pai, com certeza muitos deles trouxeram informações referentes do dia-a-dia dele no combate. O que é que a senhora pode me dizer referente a essa parte dele lá nos campos da Itália, que a senhora tomou conhecimento?

Sra. Hilda: Normalmente eram referências ao estado emocional dele e o que ele falava de mim para esses amigos dele. Nunca chegaram para me falar das participações ativas na guerra. Era dizer o quanto ele gostava, era dizer se ele tinha possibilidade de comprar alguma coisa era para mim, então eles queriam me conhecer de tanto ouvir falar. Então, os que chegaram até mim, que eu não me lembro o nome na realidade, foram dois aqui e um em São João D’El Rey, que eu fui visitá-lo porque estava muito doente, a fala deles era essa: era o carinho e o amor que ele tinha por mim, então eles queriam muito me conhecer por isso, mas nunca falaram das missões nem da tristeza que devia ser realmente no campo de guerra, porque inclusive essa última foto que a gente tem, que inclusive o selo vai sair, não é essa a feição que eu me lembro dele, essa é uma feição de uma pessoa muito sofrida. Ele não era aquilo. Ele era uma pessoa serena, tranquila, mas não aquele olhar de sofrimento que eu acho que é uma consequência da situação de guerra.

Cel Skora Rosty: *O Sgt Max Wolff escrevia muito para a senhora. A senhora tem essas cartas?*

Sra. Hilda: Tenho essas cartas. Gostaria, inclusive, de mostrá-las aqui. Eu fiz um apanhado delas e coloquei inclusive em ordem de datas. O senhor pode ver que as folhas já estão

amareladas, e normalmente o início de todas elas era mais ou menos assim: “à minha queridinha filhinha”, “à minha adorável filhinha Hilda”, “à minha adorável filhinha”, “à minha saudosa filhinha”, “ao meu amor”, essa foi no dia do meu aniversário que ele escreveu, e a última, “à minha idolatrada filhinha”. Então o senhor vê que o papel já está bem amarelado e o tempo todo ele não falava da situação em si em que ele estava envolvido, nunca nenhuma delas transpareceu que ele estivesse sofrendo ou estivesse infeliz. Inclusive em uma carta que ele endereçou à irmã dele ele disse que se realmente ele viesse a tombar, que ela podia ficar tranquila porque seria um dos momentos mais felizes da vida dele. Então ele sabia como transformar uma situação triste em outro tipo de situação em que ele não era vítima, pelo contrário, ele se sentia, vamos dizer, prestigiado de estar defendendo a pátria dele e, inclusive, vir a morrer não era um peso para ele. Então isso tudo ficou e essas cartas todas aqui tem a foto dele sendo condecorado (mostra a foto para o entrevistador).

Cel Skora Rosty: *Com a medalha Estrela de Bronze, medalha Norte Americana.*

Sra. Hilda: Aqui Pistóia (mostra foto), onde eles foram enterrados.

Cel Skora Rosty: *No cemitério de Pistóia.*

Sra. Hilda: Então essas são as fotos dele. Infelizmente eu não tenho fotos dele comigo, porque como eu disse para o senhor, eu fui para um colégio interno. Quer dizer: tudo aquilo que eu tinha, brinquedos, cachorro, casa, foi-se, não sei que fim levou. Então eu deveria ter muitas fotos dele comigo, provavelmente, porque ele era festeiro. Sábado e domingo, assim, ele gostava de ir para a casa de amigos, ele gostava muito de cabritos, ele comprava cabritos, ele matava o cabrito e levava. A minha madrinha, naquela época ...

Cel Skora Rosty *Como bom paranaense ...*

Sra. Hilda: Como bom paranaense, era o quê? Churrasco, não é? Por aí se vê, ele era festeiro e provavelmente durante esses eventos foram tiradas fotos e eu, infelizmente, não tenho nenhuma junto a ele.

Cel Skora Rosty: *Vou fazer agora uma pergunta à senhora meio complicada, mas eu que acho que tem que ser feita. A gente ouviu alguns comentários, até como criança também, de que ele tinha um certo desprezo — não é bem desprezo — ele arriscava a vida. Ele, pelo fato da paixão, a paixão pela sua mãe foi muito forte.*

Sra. Hilda: Foi muito forte.

Cel Skora Rosty: *Então a impressão que se dava àqueles que o cercavam, que ele por conta de ter se separado, ele colocava em risco a própria vida nessas missões difíceis em que ele era voluntário. Há também aqueles que descrevem e comentam, e a gente fica sem saber o que pensar, que ele tinha um certo rancor do alemão pela forma pela qual o pai dele tratava a mãe ou a ele mesmo. Mas isso são especulações.*

Sra. Hilda: Especulações. Eu não acredito que o pai dele fosse um homem violento, porque pelo pouco que eu tive, que eu tenho lembrança dele, inclusive depois que papai morreu meu avô ficou muito doente, então me parecia ser um homem tranquilo. Não ouvi das outras filhas e do outro filho, nenhum comentário. A vovó era braba, eu acho que ela era a matriarca mesmo. Ela que levava a família inteira. E quanto a essa questão de se arriscar, as outras revoluções que ele fez parte, que ele participou, basta como ele era destemido. Não foi o fato dele estar desgostoso ou não, que veio a levá-lo a apresentar-se nessas missões, isso era algo dele, algo talvez até de defesa do mais fraco, de defesa da pátria, era coisa dele mesmo.

Cel Skora Rosty: *Ele tinha até o apelido de carinhoso.*

Sra. Hilda: Carinhoso, realmente, mas era do tipo destemido. Eu vou ler uma das cartas para que o senhor e todas as pessoas

tenham idéia de como era o jeito dele de tratar. Essa foi a última carta que ele me escreveu, que é datada de 31 de março de 1945: “À minha idolatrada filhinha. Beijo-te e abraço-te minha adorável belezinha. As saudades são imensas. Quanta vontade de te escrever, e de te ver, e de sentir os teus carinhos. De ver a sua boquinha aberta (ou não fica mais aberta?)” — como eu tinha problemas de respiração, normalmente estava de boquinha aberta — “gostou do banho de mar? Aprendeu a nadar? O Amaral” — que é a pessoa que estava tomando conta de mim — “disse que o Dr. Sérgio extraiu um dentinho teu. Doeu muito? Você ainda gosta muito de feijão? E o vira-lata, ainda faz muito tumulto?” — vira-lata se chamava Swing — “Minha belezinha. Passei seis dias em Roma, foram seis dias no paraíso. É uma verdadeira maravilha. Visitei o Vaticano, recebi a benção do Para e gostei muito do passeio. Só faltou a sua presença para completar a minha satisfação. Tirei esta caricatura para ver como está o teu coração”. Eles lá, eles fizeram uma caricatura dele, no Vaticano, e ele me mandou.

Cel Skora Rosty: *A senhora tem?*

Sra. Hilda: Tenho essa caricatura. “Terminando, transmita lembranças a Dona Maroca” — que era esposa do “Seu” Amaral — “e à senhorita Lourdes” — que era a filha dele — “e um

abraço ao Amaral. Aceite mil e um beijos e abraços do teu pai que tanto ter adora. Um abraço à Angelina”. — que eu não me lembro quem era. “Wolff”. Então essa foi a última carta. Então a gente sente que a situação por mais que tivesse sido conflitante lá, isso não o deixava inclusive nas cartas transparecer. Ele se refere inclusive na carta a Roma como um paraíso, e Roma é um paraíso mesmo, não é? É isso aí.

Cel Skora Rosty: *É uma carta de 31 de março, não é?*

Sra. Hilda: É, essa foi a última.

Cel Skora Rosty: *E a última missão dele foi no dia 12 de abril.*

Sra. Hilda: Justamente, um mês depois, nem um mês depois, foi doze dias depois. Não fosse isso ele estaria aqui conosco, não é?

Cel Skora Rosty: *D. Hilda, muito obrigado ..*

Sra. Hilda: Eu é que agradeço.

Cel Skora Rosty: *Muito emocionado, muito satisfeito, foi uma grande satisfação conversar com a senhora.*

Sra. Hilda: E para mim principalmente, para que as pessoas conheçam esse outro lado do herói.

Cel Skora Rosty: *A senhora pode estar certa de que vai estar marcando esse meu período de pesquisa histórica. Eu pesquiso invasão holandesa, guerra do Paraguai, agora segunda guerra*

mundial, fui na Itália ano passado, e seria muito importante que a senhora fosse no próximo ano, lá no local ...

Sra. Hilda: Para ver o monumento.

Cel Skora Rosty: *Para ver o monumento, o lugar é muito bonito, esse período em que eu estive lá a impressão que se dava é que não teve guerra.*

Sra. Hilda: Reconstruíram tudo.

Cel Skora Rosty: *Exato. Está lá marcado o [0:02:10 / Parte III] do nosso herói, e os italianos nos veneram, nos chamam de “libertadores”. Isso nos dá bastante orgulho e satisfação ao ver que os nossos pracinhas, que foram lá, deixaram um pouco, ou aquilo que é o mais caro de si, que é a vida, em benefício da democracia ...*

Sra. Hilda: O comportamento deles contribuiu para que o brasileiro tenha realmente essa fama que tem hoje, uma pessoa simpática, caridosa, não é isso, porque um dos italianos esteve aqui em casa, e na época da guerra ele era criança, então ele conta que os brasileiros às vezes tiravam o que tinham para comer para dar para as famílias.

Cel Skora Rosty: *A gente encontra isso nos relatos.*

Sra. Hilda: Então é muito importante saber como foi o comportamento dos brasileiros lá, não é? Respeitador,

respeitavam as mulheres, as crianças, é muito bom saber disso. Não é isso?

Cel Skora Rosty: *Nos enche de orgulho, não?*

Sra. Hilda: Muito, muito. Não é só o herói, o bravo que foi para lá. Foi também a figura humana que tem respeito ao ser humano, às mulheres, às crianças, é muito bom.

Cel Skora Rosty: *E hoje nós vemos constatado nas missões de paz em que o Brasil participa, que está repetindo o mesmo trabalho, o mesmo comportamento que também fez no passado. D. Hilda, muito agradecido.*

Sra. Hilda: Eu é que agradeço a oportunidade de ter falado sobre o meu pai.

Os sargentos alemães de Vargas: o caso de Max Wolff Filho

Dennison de Oliveira⁵

Em trabalhos anteriores já tive a oportunidade de explorar o tema da comunidade alemã e sua relação com a cultura luso-brasileira no contexto da “Campanha da

⁵ Professor dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em História da UFPR. Autor dos livros “**Os Soldados Brasileiros de Hitler**” e “**Os Soldados Alemães de Vargas**”, ambos lançados pela Editora Juruá (Curitiba/PR) em 2008. E-mail: kursk@matrix.com.br

nacionalização” (1935-45). O foco foi nos conflitos e contradições derivados da dupla nacionalidade dos indivíduos daquela comunidade, os quais podiam ser considerados simultaneamente “brasileiros” e “alemães”. Deste grupo saíram alguns dos maiores heróis da Força Expedicionária Brasileira, inclusive o maior deles: o sargento Max Wolff Filho (1911-1945).

Neste texto desejo problematizar uma outra dimensão da experiência de vida desta personalidade histórica. Quais as implicações de ser sargento no Exército Brasileiro no período 1930/45?

Um breve exame da literatura disponível irá indicar a existência de inadequadas condições de vida e trabalho para a maioria dos sargentos. São recorrentemente citadas queixas relativas a falta de estabilidade, ausência de promoções, salários baixos, falta de assistência social, etc.⁶

Uma das manifestações dessa insatisfação são as sucessivas revoltas de praças, ocorridas nessa conjuntura, as

⁶ Para uma descrição dos padrões de vida e recrutamento dos praças no período cabe citar CARVALHO, J. M. de. As forças armadas na Primeira República: o poder desestabilizador. In: FAUSTO, B. (org.) História Geral da Civilização Brasileira. Tomo III, 20. Vol. São Paulo, Difel, 1986, pp. 183-234.

quais geralmente eram comandadas por sargentos. Uma estatística dessas revoltas aponta para a seguinte frequência por período: 1930-34: 20; 1935-39: 13; 1940-45: 1.⁷

O conhecimento disponível sobre esses eventos ainda é precário e incompleto. São conhecidas, contudo, as reivindicações da “entidade secreta” de sargentos que, segundo um Inquérito Policial Militar, teria existido entre 1933-38:

- a. Criação de um quadro de sub-oficiais em substituição ao de sargentos, com as melhorias características, não se permitindo a demissão;
- b. serviço permanente nas fileiras até a reforma;
- c. aumento dos vencimentos, uma vez que o serviço é executado pelos sargentos, os oficiais apenas assinam;
- d. revogação do art. 340 do RISG: igualdade com os oficiais com relação à aplicação de punições;
- e. “o sub-oficial deve amor, respeito, obediência, etc. ao oficial, contudo, não é necessário falar-lhe com a mão à pala”.⁸

Esse quadro de insatisfação e revolta provavelmente tem algo a ver com a relação intermitente que o sargento Max Wolff Filho teve com o Exército Brasileiro no período 1930/45. De

⁷ CARVALHO, J. M. de. Forças armadas e política no Brasil. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005, p. 65.

⁸ COSTA, Vanda Ribeiro. Com rancor e com afeto: rebeliões militares na década de 30. In: Ciência Sociais Hoje, 1985. ANPOCS/Cortez Editora, 1985, p. 275.

fato, ao longo dessa conjuntura ele hesitou em seguir ou abandonar a carreira de sargento em prol do engajamento nas forças policiais.

Seu ingresso no Exército se dá em 1930 quando alista-se no 15º Batalhão de Caçadores 15º BC na cidade de Curitiba (PR). No ano seguinte ele é promovido a cabo, integrando o 3º. Regimento de Infantaria (3º. RI) no Rio de Janeiro (RJ). Em 1932 é promovido a 3º. Sargento.

Em 1933 ele se desliga do Exército e assume o posto de Instrutor Preparador na Polícia Municipal do Rio de Janeiro. Em seguida ele é promovido e incorporado ao efetivo da força. Em 1935 ele é Comandante de Carro de assalto da Polícia. Depois de uma década a serviço da Polícia ele retorna ao Exército. Em 1943 se apresenta como voluntário para a FEB.

Neste estágio é importante se fazer um balanço das implicações e vicissitudes da carreira de sargento ao longo da história da república brasileira. No início do regime republicano as perspectivas para ascensão profissional para os sargentos, incluindo o acesso a carreira de oficial, eram bastante favoráveis. De fato, segundo o Decreto 1.351 de 7/02/1891 metade das vagas de segundo tenente seriam preenchidas com

praças e metade com alferes-alunos, egressos da Academia Militar.

Já na vigência do governo Vargas essas possibilidades se reduziram enormemente. A Lei de promoções de 1º/06/1934 só permitia promoção de praças a oficiais em casos excepcionais e na ausência de aspirantes suficientes. Finalmente, até mesmo essa possibilidade foi extinta em 2/12/1937.⁹

Nem mesmo o contato direto da Força Expedicionária Brasileira com o combate nas montanhas dos Apeninos provocou qualquer mudança nesse cenário. É de se notar que o Decreto-lei no. 5.625 de 29/06/1943 admitia a promoção de praças aos postos de oficiais por bravura. Mas, concretamente, o único caso que se verificou foi o do 3º. Sargento Onofre Ribeiro de Aguiar 5ª. Cia do 6º RI, em 08/11/1944.¹⁰

Como resultado a FEB teve um substancial número de pelotões comandados por sargentos, talvez a maioria. Se em teoria os pelotões são comandados por tenentes seria de se esperar que, na prática, todos esses sargentos fossem promovidos ao posto de tenente no decorrer das operações.

⁹ CARVALHO, 2005, op. cit. pg. 75.

¹⁰ BRAYNER, F. L. A verdade sobre a FEB: memórias de um chefe de Estado-Maior na Campanha da Itália. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968, p. 234.

Para pelo menos um dos contemporâneos desses eventos, teriam sido generalizados os casos de injustiças e omissões nos processos de promoção. É o caso de se fazer referência aqui à questão levantada pelo Sargento Leonércio Soares sobre o próprio caso de Max Wolf Filho:

“São tanto e tantos os casos de sonegação de promoção aos praças, que nem comportaria citar nenhum nome, mas é impossível silenciar diante da incúria e da flagrante ofensa de direitos cometida contra o brioso e festejado herói da FEB – Sargento Max Wolff Filho. O tempo todo Wolff exercera as funções de tenente (e, frise-se bem: de um tenente especial, comandante de um Pelotão Especial, destinado às missões mais arriscadas e difíceis) e só o promoveram a segundo-tenente, após a sua morte, em ação. Se já exercia, de fato, as funções de tenente, a promoção que o país lhe devia e que ainda deve aos seus descendentes é, no mínimo, a de Capitão. Incontáveis e gritantes foram as injustiças contra o direito de promoção dos praças.”¹¹

Para encerrar cabe falar das perspectivas futuras de pesquisa sobre a vida desse personagem histórico tão singular, algumas das quais já adiantadas nesse livro. Dentre estas cabe citar a interpretação da sua vida familiar, em especial a relação com seu pai (austriaco e, portanto, “súdito do eixo”), avós, filha e irmãos, bem como sua interação com a comunidade teuto-

¹¹ SOARES, Leonércio. Verdades de Vergonhas da Força Expedicionária Brasileira. Curitiba, 1995. Edição do Autor, pg. 346.

brasileira. Também seria o caso de se incluir a temática da vida conjugal, em particular no que se refere a informações contraditórias sobre seu estado civil. Boa parte desses aspectos são contemplados na importante entrevista com a filha de Max Wolff Filho publicada nesse livro.

Um outro conjunto de questões que ainda está por merecer um exame maior dos pesquisadores diz respeito a sua opção pela atuação como policial. Uma hipótese a ser explorada é que tal carreira seria melhor e mais promissora do que ser sargento no Exército.

Por último, e talvez o mais importante, ainda temos que avançar muito no entendimento da sua atuação como militar. Ainda estamos longe de conhecer na sua inteireza as ações de combate do “Pelotão Especial” que liderava. Aliás, até mesmo a composição de seus efetivos é motivo de controvérsia. E, como decorrência do estudo dessas questões, cabe indagar o paradeiro do corpo do Herói: onde está Max Wolf Filho?

Essa última indagação é motivada não apenas pela entrevista aqui transcrita com sua filha, mas também pela própria exposição presente no Museu do Expedicionário sobre a vida de Max Wolff Filho. Entre os documentos ali expostos se encontra a comunicação oficial do Exército à família de Wolff

dando conta da presunção de que seu corpo, dado como desaparecido, tenha sido enterrado pelos alemães.

Parte II - O projeto de extensão universitária “Guia do Museu do Expedicionário”: síntese das versões já publicadas

Dennison de Oliveira¹²

Pouca gente sabe, mas o Museu do Expedicionário em Curitiba (PR) tem nome: Museu Tenente Max Wolff Filho. Reputado como um dos maiores – senão o maior – dos heróis da Força Expedicionária Brasileira, Max Wolff Filho nasceu no Paraná, na cidade de Rio Negro em 1911 e ingressou no Exército também através de uma unidade militar sediada nesse mesmo Estado – no caso, o antigo 15º. Batalhão de Caçadores (15BC) em Curitiba.

Para efeitos práticos o Museu Max Wolff Filho é por todos conhecido – e referido oficialmente – como o Museu do Expedicionário. Publicamente essa denominação também é consensual. Afinal de contas, foi conservada na fachada original do edifício que o abriga a inscrição “Casa do Expedicionário”, função para a qual foi construído. Isso induz o público a se

¹² Coordenador do projeto, DEHIS/UFPR. Registro 692/12 – PROEC/UFPR

referir ao local como o Museu do Expedicionário. Da mesma forma o local é assim referido nas publicações oficiais de órgãos públicos e privados dedicados a cultura e ao turismo. A menção a Max Wolff Filho como sendo o nome do Museu aparece apenas numa placa de pequenas proporções localizada no interior do prédio.

Nosso envolvimento com ações educativas neste museu se iniciou no âmbito do Programa de Extensão Universitária Educação para a Cidadania do DEHIS/UFPR no ano de 2000. A proposta inicial de trabalho era disponibilizar um guia para os visitantes do Museu do Expedicionário, localizado em Curitiba (PR) e treinar estudantes para atuar como monitores de visitas escolares ao museu.

O Museu, tal qual se apresenta hoje ao visitante, assumiu sua atual forma em 1981, mas suas origens remontam ao ano de 1946, quando foi fundada em Curitiba a Legião Paranaense do Expedicionário (LPE). A LPE surgiu no imediato pós-guerra resultado da iniciativa de um reduzido grupo de veteranos da Campanha da Itália. Em sua maioria eram oficiais da ativa e da reserva do Exército, que haviam lutado ou atuado com a Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Itália durante a Segunda Guerra Mundial (1944-45). O foco imediato da entidade em seu

início foi nas questões sociais e políticas envolvendo os veteranos da Campanha da Itália, a grande maioria dos quais foi abandonada à própria sorte pelo Governo Federal tão logo retornaram ao Brasil. Naquela época a busca pelo tratamento das doenças e sequelas físicas e psicológicas advindas do tempo de guerra, o enfrentamento da situação de abandono, desemprego, inadaptação social, familiar e profissional eram apenas alguns dentre tantos outros problemas que afligiam os ex-combatentes no Paraná e em todo Brasil.

A assim chamada Casa do Expedicionário foi inaugurada em 15/11/1951. Sua construção foi resultado da iniciativa e determinação da LPE, e contou com o auxílio de entidades públicas e privadas, civis e militares, de entidades da sociedade civil, bem como de milhares de cidadãos da comunidade curitibana e de todo Brasil. Na sede própria da LPE o Museu ocupava, contudo, apenas uma das suas salas. Todas as outras eram ocupadas com serviços sociais que a LPE oferecia aos veteranos de guerra, como atendimento médico, dentário, jurídico, administrativo, cultural, educativo, profissional, etc. Nada menos de dez cômodos no andar superior do edifício foram reservados para hospedar os ex-combatentes de outras

idades em trânsito pela Capital, geralmente em busca de atendimento médico.

O momento decisivo no que diz respeito a atual configuração do Museu se deu na Assembleia Geral da LPE em 1979. Nela deliberou-se pela transformação de todo prédio da Casa do Expedicionário em Museu do Expedicionário, pois as doações de peças históricas haviam aumentado muito e se exigia um espaço maior para sua exibição, pesquisa e catalogação. Simultaneamente, não se verificavam mais casos de atendimento por parte da LPE à demandas sociais, jurídicas, etc. dos veteranos de guerra, embora estes continuassem a ocorrer esporadicamente e com frequência cada vez menor até a década de 1990.

A decisão de transformar todo prédio em Museu foi viabilizada, do ponto de vista físico, com a assinatura de um convênio entre a LPE e o Governo do Estado, através da Secretaria Estadual da Cultura (SEC/PR), ainda hoje vigente. Nele estavam previstas a realização das obras necessárias a adaptação do prédio às suas novas e exclusivas funções museológicas, bem como o financiamento por parte da SEC/PR das condições materiais e humanas de funcionamento do novo Museu. O convênio da LPE com a SEC de 29/07/1980 também

determinou a transferência no futuro do acervo documental e histórico do Museu para o Governo do Estado. Tal situação irá ocorrer quando a LPE deixar de existir ou quando não houverem mais ex-combatentes na direção da entidade. Com o convênio firmado em 1980 a SEC se tornou mantenedora do MEXP embora, curiosamente, o Museu e seu acervo continuem a ser propriedade particular da LPE.

Assim, o atual Museu foi inaugurado em 19 de dezembro de 1980 e, desde o início, passou a ser considerado um dos mais modernos, completos e atualizados do país. Seu incomparável acervo exposto, sua volumosa biblioteca e um incansável esforço de pesquisa fizeram dele uma instituição única no país.

O programa de extensão universitária Educação para a Cidadania teve vigência entre 2002 e 2005 e formatou sua metodologia de ação a partir de algumas constatações. Percebemos que a dinâmica de recepção de escolares adotada naquele Museu, e usual em quase todos os outros, não era compatível com os interesses que motivavam as visitas. Via de regra, os museus dispõem apenas e tão somente de um único monitor para acompanhar os estudantes nas visitas, o que

acarreta uma série de problemas, e o Museu do Expedicionário, à época não fugia a esse padrão.¹³

O fato de um único monitor se encarregar de percorrer com os visitantes todo acervo exposto, é fonte de cansaço e aborrecimento por parte dos estudantes. A fim de que todos possam ouvir as explicações do monitor, os estudantes são obrigados a guardar completo silêncio, só se manifestando ao final de cada preleção. Isso leva tanto ao rápido declínio do grau de concentração dos alunos nas explicações do monitor, quanto à associação da visita ao museu como mais uma aula expositiva, pouco ou nada diferindo daquelas que são usuais no ambiente escolar. Perde-se dessa forma a possibilidade, por parte dos estudantes da educação básica, de se reapropriar, ressignificar ou reinterpretar os espaços museológicos, como justificadamente insistem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para a Educação Básica do Ministério da Educação (MEC).

A superação dessas deficiências foi lograda por meio de uma abordagem completamente diferente, adotada neste

¹³ Sobre o estágio atual dos estudos sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial sob uma perspectiva historiográfica ver: http://www.humanas.ufpr.br/porta1/historia/files/2011/10/livro_final.pdf

Programa de Extensão Universitária. Em vez de um único monitor, são treinados a cada vez 14 (catorze) estudantes de graduação do curso de História para atuarem como monitores. Dessa forma, foi possível alocar um monitor em cada espaço expositivo dentro do Museu. Assim, não era toda uma turma de escolares em visita que tinha que seguir o monitor no Museu. Os estudantes podiam escolher livremente a sequência de espaços expositivos que desejavam conhecer conforme seus gostos, prioridades e inclinações. Em todos eles havia um monitor treinado para explicar a natureza da exposição ali presente, bem como tirar dúvidas dos visitantes.

Essa abordagem apresentou diversas vantagens. Em primeiro lugar, deu um caráter mais dinâmico e interativo à visitação ao respeitar as preferências dos visitantes e propiciar um diálogo permanente deles com os monitores. A possibilidade de circular pelas salas do Museu, de conversar com os monitores e mesmo com os colegas de classe acabou de vez com qualquer associação que se pudesse fazer entre a visita ao Museu e aula expositiva. O espaço museológico foi transformado em um autêntico fórum de debates, interativo, dinâmico e participativo, no qual os escolares eram tratados pelos monitores como seus iguais, isto é, como interessados como eles em conhecer e

pesquisar a história da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

Em segundo lugar, permitiu um aprofundamento no tratamento dos conteúdos de cada espaço expositivo. Em vez de um único monitor “generalista” que falava sobre todo o museu de uma única vez, agora se dispunha de monitores que se especializaram no espaço expositivo pelo qual se tornaram responsáveis. Na elaboração do guia de visitaçaõ daquele Museu, todos monitores envolvidos participaram como autores do capítulo relativo ao seu espaço. Dividiu-se dessa forma o extenso trabalho intelectual que se refere ao tratamento de uma variedade de suportes informacionais (fotos, jornais, objetos, armas, uniformes, etc.) cuja análise e interpretação sempre requer distintas metodologias.

Finalmente, de um ponto de vista prático, não podemos deixar de mencionar mais uma vantagem da metodologia ali adotada. Embora não seja papel funcional do monitor agir como agente de segurança, a verdade é que sua simples presença, para não mencionar o interesse que sua fala era capaz de atrair, também servia para coibir comportamentos não compatíveis por parte dos visitantes com o ambiente museológico. Os fatos falam por si. Embora mais de uma centena de alunos dos níveis

fundamental e médio frequentassem o Museu a cada vez, jamais se registrou no decorrer da atividade extensionista qualquer incidente desagradável.

Outras iniciativas voltadas para a divulgação da História da FEB também ocorreram no âmbito do Programa de Extensão Universitária. Foi criada uma página na internet dedicada a divulgação de documentos do acervo do Museu do Expedicionário, bem como a proposição de estratégias de ensino-aprendizagem com base nessas fontes, indicação de literatura comentada sobre a FEB, etc. a qual se deu o nome de “Academia Montese”. Esta página se tornou também um veículo de divulgação das fontes históricas do Museu do Expedicionário, numa base pública e gratuita. Ao fim e ao cabo almejava-se colocar nesta página na internet, num período de tempo que se estimava levar talvez uma década, *todos* os documentos históricos mantidos pela LPE. Durante os dois anos em que esteve ativa a Academia Montese logrou atrair um público superior a dez mil internautas.

Finalmente, alguns estudantes envolvidos no projeto puderam coordenar seu período de estágio supervisionado, na prática de ensino de História em escolas de Educação Básica, com as atividades como monitores voluntários no Museu. Desta

forma, logrou-se uma intensa e proveitosa interação entre a Escola, a Universidade e o Museu, sempre no interesse do atingimento do objetivo de se divulgar entre os estudantes de Educação Básica a História da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, além de despertar vocações de pesquisa sobre o tema entre o público universitário.

De fato, já em 2002 foram apresentados ao Departamento de História nada menos do que seis trabalhos de conclusão de curso de graduação dedicados a História Militar – fato sem precedentes, se levarmos em conta que a História Militar desde sempre esteve proscrita das linhas de pesquisa do DEHIS/UFPR e da maior parte da Universidade. Destes, cinco eram voltados a pesquisas sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Já no ano seguinte foi defendido no âmbito dos cursos de pós-graduação em História da UFPR a primeira dissertação de mestrado dedicada ao estudo da história da LPE¹⁴.

Em que pesem os substanciais ganhos educacionais, científicos e culturais auferidos pelo Programa de Extensão

¹⁴ NASS, Sirlei de Fátima Nass. Legião Paranaense do Expedicionário: indagações sobre a reintegração social dos febianos paranaenses (1943-1951). Dissertação Mestrado em História, UFPR, 2005. Disponível em: <http://www.poshistoria.ufpr.br/documentos/2005/Sirleidefatimanass.pdf>

Universitária Educação para a Cidadania, a então direção da LPE entendeu não ser relevante dar continuidade a nenhuma destas iniciativas. É importante notar que a partir da exitosa e conclusiva experiência no Museu do Expedicionário, foram criadas condições para que as atividades do programa de extensão universitária fossem levadas a outros museus de Curitiba, região metropolitana e litoral. Entre 2000 e 2005, foram desenvolvidas atividades similares em diversos outros museus e espaços expositivos em cidades dessas regiões paranaenses: Museu Paranaense (Curitiba), Museu Atílio Rocco (São José dos Pinhais), Museu de Arte Sacra (Curitiba), Museu de Arqueologia e Etnologia de Paranaguá (Paranaguá), Museu Ferroviário (Curitiba), Museu da Polícia Militar (Curitiba), Batalhão de Infantaria Blindada Max Wolff Filho (Curitiba), Museu das Forças de Paz (Curitiba), Igreja do Bom Jesus (Curitiba), entre outros.

Tais atividades extensionistas no âmbito do Museu do Expedicionário foram retomadas em 2011, com a realização de novas visitas guiadas, realizadas sob as mesmas condições propostas anteriormente. No atual estágio de execução as atividades se dão sob os auspícios do projeto de extensão universitária “Guia do Museu do Expedicionário”.

Em se tratando da metodologia de implementação das atividades que constituem o objetivo mesmo do projeto de extensão é importante refletir sobre as competências das entidades parceiras. As entidades parceiras acordaram entre si a realização de esforços conjuntos para a produção do Livro “Guia do Museu do Expedicionário”, a realização de visitas técnicas monitoradas com base neste texto, e a permanente revisão do livro numa base de periodicidade anual.

Coube à LPE através da SEC – PR a reserva dos dias necessários para as visitas de estudantes do Colégio Bom Jesus Centro, de Curitiba e da Escola estadual Semiramis Braga de Pinhais (PR); das manhãs dos dias necessários para treinamento dos estudantes voluntários da UFPR no Museu; e, na medida do possível, propiciar o contato dos estudantes de Educação Básica com os ex-combatentes que pertencem ao seu quadro associativo, preferencialmente sob a forma de palestras. Já ao Departamento de História da Universidade Federal do Paraná compete organizar e coordenar a redação do Livro “Guia do Museu do Expedicionário” (também disponível on line, cf. já indicado); orientar, treinar e supervisionar os estudantes dos cursos de graduação e pós-graduação em História da UFPR no trabalho de pesquisa e redação do “Guia do Museu do

Expedicionário” e para atuar como monitores de visitas guiadas ao Museu.

Finalmente, coube as escolas envolvidas o planejamento e execução de atividades pedagógicas diretamente relacionadas ao uso do Museu do Expedicionário como espaço de ensino-aprendizagem numa perspectiva multidisciplinar, com base no Livro “Guia do Museu do Expedicionário”, disponibilizado previamente as visitas através de *download*, numa base pública e gratuita. Da mesma maneira, professores e alunos da UFPR envolvidos no projeto leram e estudaram, individualmente e em equipe, o material didático adotado por estas escolas, no que se refere aos conteúdos relativos à participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Isso permitiu ampliar a base de interlocução entre todos envolvidos, permitindo ganhos de qualidade no processo de ensino e aprendizagem.

Como corolário dessas atividades foi executado, em conjunto com inspetores e professores dos respectivos colégios, as visitas monitoradas nos dias estabelecidos. Os resultados dessas atividades extensionistas podem ser apreciados pelos profissionais da área e as próprias instâncias internas às entidades parceiras através da internet. A versão original do “Guia do Museu do Expedicionário” segue disponível para

consulta numa base pública e gratuita, sendo permitida a reprodução desde que citada a fonte.¹⁵ O registro imagístico das visitas técnicas também está disponível *on-line*, oferecendo uma noção da dinâmica de interação e das virtualidades do uso do espaço museológico para fins de ensino de História na Educação Básica.¹⁶

Esta versão que o leitor tem em mãos é uma síntese das contribuições contidas nas duas versões já produzidas do “Guia do Museu do Expedicionário”, relativas aos anos de 2011 e 2012. Seu conteúdo foi organizado preferencialmente com referência as diferentes salas que compõem aquele Museu, embora nem sempre isso tenha sido possível ou desejável. Além de textos que fazem referência especificamente às salas do Museu, foram acrescentados vários outros que tentam dar conta de diferentes aspectos da exposição, embora não necessariamente referidos a algum espaço físico determinado.

15

http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2011/10/guia_museu_expedicionario.pdf

16 <http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/noticias/projeto-de-extensao-universitaria-guia-do-museu-do-expedicionario/?album=3&gallery=5&pageid=1153>

Para finalizar, cumpre enfatizar que o uso dos Museus para o ensino de História só se realiza em sua plenitude se for planejado e executado pelas entidades envolvidas em seus mínimos detalhes. A permanente e intensa interlocução entre todos responsáveis envolvidos é que irá lograr alcançar, ao término do processo, os ganhos que se almeja nas atividades de ensino e aprendizagem.

Para o futuro imediato pretende-se aperfeiçoar os métodos e técnicas de treinamento e atuação desses monitores, tanto quanto possível através da associação do uso de meios audiovisuais àqueles disponíveis no acervo exposto do Museu. O recurso às linguagens audiovisuais certamente irá expandir os limites e possibilidades de interação dos estudantes de Educação Básica com o acervo exposto do Museu, ao mesmo tempo em que – com toda probabilidade – irá colocar novos e instigantes desafios aos envolvidos com a execução das atividades extensionistas.

Um balanço parcial das atividades do projeto de extensão na sua integração com o Programa de Pós-graduação em História da UFPR (PGHIS/UFPR) indica que 4 (quatro) estudantes de pós-graduação já atuaram nas atividades extensionistas, sendo metade de mestrado e metade de

doutorado. O projeto também tem despertado interesse dos estudantes bolsistas do Programa de Educação Tutorial do Curso de História (PET/História), dos quais 4 (quatro) já tomaram parte em suas atividades. Dois dos bolsistas de iniciação científica sob orientação do coordenador do projeto, um mantido pelo CNPq e outro pela Fundação Araucária, também já atuaram nessas atividades.

Contudo, o maior efetivo com que o projeto pôde contar até agora é mesmo o dos estudantes de graduação voluntários. Nada menos de 22 (vinte e dois) acadêmicos, sendo 20 (vinte) do curso diurno de História da UFPR (Bacharelado e Licenciatura) e outros 2 (dois) do curso noturno (História, Memória e Imagem) atuaram de forma voluntária no projeto, nada recebendo pelo seu trabalho, mas sempre encarando essas atividades como oportunidades para seu aprimoramento pessoal e profissional.

A todos que até aqui se envolveram nesse projeto, mas muito especialmente a todos que nele atuam de forma voluntária, incluindo aí os colegas das entidades parceiras, deixo expresso aqui meu agradecimento e reconhecimento de seu valor e importância tanto para a causa do avanço do processo de

conhecimento histórico, quanto para a melhoria da Educação Básica desse país.

Referências

- CARVALHO, José Murilo de. Forças armadas e política no Brasil. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.
- FERRAZ, Francisco César Alves. Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.
- McCANN, Frank D. A aliança Brasil-Estados Unidos. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, Rio de Janeiro, 1995.
- MAXIMIANO, César Campiani. Onde estão nossos heróis: uma breve história dos brasileiros na 2ª. guerra. São Paulo, 1995.
- OLIVEIRA, Dennison de (org.) A Força Expedicionária Brasileira e a Segunda Guerra Mundial: estudos e pesquisas. Rio de Janeiro: Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército, 2012.

Torpedeamentos e guerra naval - Sala José Dequech

Nikesara Luana de Jesus¹⁷

A primeira sala do museu do expedicionário é nomeada José Dequech, uma homenagem ao sargento auxiliar de uma das companhias de obuses da FEB e importante membro da Legião Paranaense do Expedicionário (LPE). O acervo exposto na sala nos leva entender os principais motivos que levaram o Brasil a guerra.

¹⁷ Estudante do Curso de Bacharelado e Licenciatura em História/UFPR. E-mail: nikesara_luana@hotmail.com

O acervo contém fardas da marinha (de gala e serviço), peças de navios brasileiros como bussolas e molas, além de quadros com reportagens sobre os ataques de submarinos (*Unterseeboats* ou *U-Boats*) alemães a barcos civis brasileiros. No centro da sala, a mesa de vidro expõe uma seleção de utensílios da marinha, como lanterna, sextante e bussolas; a parte mais marcante do acervo talvez sejam os quadros com os nomes de nossos navios atacados, numero de mortos em cada ataque, assim como os submarinos que os atacaram e seus comandantes. Outro quadro expõe a foto desses comandantes. Mas porque o Brasil foi a guerra?

Quando a guerra começou o Brasil oficialmente se declarou neutro, porém como contava com muitas matérias primas atraiu interesses dos países envolvidos na guerra, entre eles os EUA. O Brasil aceitou dinheiro americano para investir em industrialização e em troca disso, cedeu aos americanos 8 bases navais e permitiu a construção de diversos aeroportos, inclusive o de Curitiba, que alegavam usar para proteger o país dos ataques do Eixo. Em dezembro de 1941 a base naval norte-americana de Pearl Harbor é atacada pelos japoneses e, em resposta, o Brasil rompe relações econômicas e diplomáticas com o Eixo em janeiro de 1942.

Diante dessas atitudes a Alemanha passou a desconsiderar o Brasil como um país neutro, e torpedeou muitos de nossos navios mercantes. Os navios foram atacados a noite, não dando chance as

peças de se defenderem. Morreram nesses ataques alemães cerca de 1000 pessoas.

A população brasileira, que não estava ciente dos acordos do Brasil e EUA, entenderam os ataques alemães como uma covardia, e começaram a clamar por vingança, por justiça a seus mortos. Porém, apenas em 1943, após o célebre encontro do presidente dos EUA Roosevelt com o presidente Vargas é criada a Força Expedicionária Brasileira, para vingar nossos mortos “covardemente atacados”.

Forças Aliadas na Itália e suas dificuldades

Andre Felipe Nakano Teixeira¹⁸

A campanha italiana foi marcada por várias dificuldades enfrentadas pelas tropas aliadas. A sala que fica próximo a entrada do MEXP pode expor sutilmente alguns destes fatores. A topografia italiana era muito irregular, principalmente na região dos Apeninos, local onde ocorreram muitas batalhas enfrentadas pelos soldados brasileiros. O deslocamento e os combates se davam na maioria dos casos a pé, ao contrário das batalhas com blindados como nas planícies francesas e russas. Até mesmo os transportes de suprimentos para os combatentes que estavam em linhas avançadas eram feitos por mulas de carga, porque eram o único meio de transporte que transpassava as barreiras

¹⁸ Estudante do Curso de Bacharelado e Licenciatura em História/UFPR. E-mail: nakano.teixeira@hotmail.com

geográficas italianas com eficiência. O que dizer então do inverno de 1944, que foi um dos mais rigorosos que se abateram sobre a região em décadas? Lá também estavam os pracinhas brasileiros, improvisando com palha e papel dentro dos calçados, para não terem o famoso pé de trincheira, comum em áreas de frio extremo.

O apoio logístico americano foi indispensável, pois nosso exército estava despreparado naquele momento crítico de guerra. Deles vieram nossas armas, uniformes de frio, as rações diárias, alojamentos, dentre muitos outros equipamentos que também estão expostos no Museu e que o nosso exército não dispunha na época. Mas também os brasileiros foram de muita valia para os combates na Itália, pois os americanos estavam desenvolvendo operações na França que demandava muitos homens e recursos desviados da campanha italiana, e a FEB pode cobrir parte deste buraco criado pelos EUA. Essa integração com o Exército Americano (5º. Exército comandado pelo Gen Mark Clark, presente em alguns quadros desta sala), teve uma complicação trivial com a comunicação. É que a grande maioria dos oficiais da FEB “só” falavam os idiomas francês e espanhol, ignorando o inglês.

O combate enfrentado pela FEB na Itália se deu em parte com italianos, divididos entre os que aderiram aos Aliados e os que permaneceram fiéis ao regime fascista de Mussolini. Mas a maioria dos combates foi com tropas alemãs, que tinham em suas fileiras, tanto homens cansados da luta, completadas por velhos e

adolescentes, quanto experientes veteranos da frente russa. Para os que vinham das batalhas sangrentas da Rússia, a defesa da Itália, local de importância geopolítica e estratégica para a Alemanha, era equivalente a um parque de diversões, pois era um terreno facilimo de defender, do alto das montanhas dentro de defesas bem desenvolvidas. Em contrapartida, o ataque a fortificações por parte dos Aliados era difícil e muito lento. Somente a conquista Monte Castello, local de muita simbologia por parte do exército, tiveram 5 tentativas, na qual o intervalo do primeiro ataque até o sucesso dos brasileiros, levaram-se 3 meses (24/11/44 a 21/02/1945).

Nossa maior dificuldade hoje é o desinteresse da sociedade, bem como de pesquisadores, pela história dos pracinhas brasileiros, que combateram e morreram tão longe de casa. Uma grande quantidade dos livros didáticos atuais tem pouquíssimas páginas para falar da Segunda Guerra Mundial, guerra que modificou completamente o panorama mundial em poucos anos e que muito do que aconteceu nesta época esta correlacionado ao nosso dia-a-dia. O que se falará então da Campanha da Itália, ou quem sabe, qual foi a atuação do Brasil na guerra ? Muito pouco. Quais foram as causas e consequências para a política brasileira? Será que sofreram dificuldades? E depois da guerra, como ficaram estes combatentes, se ainda estão vivos e o que eles nos tem a oferecer de experiência, de histórias? O MEXP neste contexto tem muito a nos oferecer. O acervo, não só desta sala, mas o museu inteiro e até mesmo como e por que

foi construído, nos faz aprender muito sobre quem sofreu dificuldades antes, durante e após a guerra.

Oficiais da FEB de Alto-Escalão

Filipe Marcel Brito de Souza¹⁹

A sala Thomaz W. Iwersen abriga, dentre outras peças, quadros com fotos da campanha da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial. Notamos, nestes quadros, a presença de figuras de comando da FEB como Mascarenhas de Moraes, Euclides Zenóbio da Costa, Osvaldo Cordeiro de Farias, Floriano de Lima Brayner, dentre outros.

Destaca-se a figura de Mascarenhas de Moraes, que atingiu o generalato logo após a decretação do Estado Novo, em 1937, e em outubro de 1943 assumiu o comando da FEB. Em junho de 1944, seguiu para a Itália juntamente aos primeiros contingentes militares do Brasil enviados ao conflito, seguindo na Europa até o fim da guerra. Após guerra recebeu a patente de Marechal, e posteriormente tornou-se chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, em 1953. Euclides Zenóbio da Costa tornou-se General de Brigada em 1942, e em seguida foi enviado aos EUA para realizar cursos de aperfeiçoamento militar. Ainda nesse ano, ingressou como voluntário na Força

¹⁹ Estudante do Curso de Bacharelado e Licenciatura em História/UFPR. E-mail: fycell@hotmail.com

Expedicionária Brasileira, sendo designado comandante do 1º escalão da FEB, enviado para a Europa em julho de 1944. Sob sua chefia, as forças brasileiras empreenderam as operações que resultaram na tomada de Monte Castelo e outros pontos importantes. Teve atuação no governo após a guerra, chegando ao posto de Ministro da Guerra, durante a crise política que levaria ao suicídio do presidente Vargas (1954).²⁰

A questão que pode ser suscitada é a do destaque dado a estes oficiais que, a despeito de seus méritos e dos riscos percebidos no conflito, não sofreram mazelas decorrente da guerra como os militares de baixa patente, notadamente os integrantes da infantaria, afetados por consequências nocivas no decorrer do conflito e posteriormente, durante seu o processo de reintegração a sociedade brasileira. Estes oficiais retornam ao Brasil, e assumem papel de protagonismo, contrastando com destino da FEB e da maioria de seus integrantes, marginalizados e esquecidos.

O destaque dado a esses oficiais, dentro de um espaço dedicado a memória do expedicionário, talvez deva ser melhor problematizado, visando assim destacar este contraste entre a dura realidade enfrentada pelo expedicionário durante e depois da guerra, e a posição destes oficiais de carreira frente a este cenário.

²⁰ <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias>

Sentando a Pua: FAB e a guerra aérea

Angelita de Paula²¹

Jacqueline Monteiro dos Santos²²

No ano de 1944, um importante acontecimento, que atualmente passa despercebido ou pouco conhecido por parte dos brasileiros, marcaria o Teatro de Operações no cenário italiano: o envio do 1º Grupo de Aviação de Caça da Força Aérea Brasileira (1ºGAvCa). Este grupo, atuando na Segunda Guerra Mundial entre outubro de 1944 e maio de 1945, integrou o *350th Fighter Group* da Força Aérea do Exército dos EUA como Esquadrão de Caça.

Como homenagem a este grupo, há no MEXP a sala Alberto Torres, localizada no andar superior, e que é ocupada então pela história da FAB (Força Aérea Brasileira) e a guerra aérea. A principal representação é do 1º Grupo de Aviação de Caça, mais conhecido como *Senta a pua*. Quanto a esse grupo, estão expostas ilustrações e fotografias que representam tanto os aviões utilizados pelo grupo como de seus cotidianos na guerra. É de destaque também a presença de diversas miniaturas, sem no entanto uma explicação devida a respeito delas. Entretanto um dos fatos que mais chama a atenção nesta sala é a predominância das referências ao veterano Eronides

²¹ Estudante do Curso de Bacharelado e Licenciatura em História/UFPR. E-mail: angelitadepaula@gmail.com

²² Estudante do Curso de Bacharelado e Licenciatura em História/UFPR. E-mail: jacquelinesantos@live.de

João da Cruz, veterano do 1º Grupo de Caça. Sua participação na Segunda Guerra não foi nos combates – era soldado de manutenção do grupo. A discussão que se levanta aqui é o porquê dessa grandiosa presença. Afinal de contas, há tantos outros importantes nomes para a FAB que sequer foram retratados nesta sala.

Além disso, outro aspecto de relevância na sala é a presença, em quase todo o ambiente, do conhecido distintivo do 1º Grupo de Aviação de Caça: a imagem de um valente avestruz armado com uma pistola e defendido por um escudo e com os escritos “Senta a Pua!”. Tal representação, visível em todos os cantos da sala, incluindo uma escultura de metal escuro, vitrines, fotografias dos membros do 1º Grupo na Itália, desenhos dos aviões utilizados pelos brasileiros, uniformes de combate, bandeira, e documentos de época, contudo, não é problematizado e parece ser utilizado como uma simples ilustração. Diante de tal situação, algumas questões podem ser levantadas: qual o significado do termo “Senta a Pua!”? O que o emblema representava?

A expressão “Senta a Pua” utilizada pelos homens do 1ºGAvCa como grito de guerra do grupo significava rapidez, velocidade, aceleração. Era comum, neste sentido, “*ouvir frases assim: ‘Hoje vou sentar a pua no vôo noturno’ ou então [...] ‘Senta a Pua! Numero quatro, estás atrasado’*”.²³ Com o grito de guerra já escolhido, faltava o símbolo. A marcante imagem do avestruz pintada

²³ LIMA, R. M. Senta a Pua! Rio de Janeiro, Bibliex. 1980. Pg 39.

nos P-47 Thunderbolt utilizados pela FAB no Teatro de Operações surgiu a bordo do navio *UST Colombie* na ida do 1º Grupo à Livorno, na Itália. Desenhado pelas mãos do Capitão Fortunato Câmara de Oliveira, o emblema era composto por um grande círculo vermelho envolvido por uma faixa dupla verde-amarela, que representava, respectivamente, o sangue derramado pelos pilotos mortos e os feridos em combate e o Brasil; um bravo avestruz, que voando entre as nuvens munido de arma e armadura, demonstrava a velocidade e maneabilidade dos P-47, seu poder de fogo e robustez; e, ainda, uma nuvem com vários estilhaços saindo dela, que representava a ação antiaérea inimiga.²⁴

O símbolo, portanto, não foi utilizado como um simples ornamento ou decoração: era uma maneira dos aviadores, oficiais, suboficiais e soldados do 1ºGAvCa se identificarem coletivamente, seja como integrante do grupo “Senta a Pua!” ou como americano e, sobretudo, brasileiro.

²⁴ LIMA, op. cit. 1980. Pg. 40.

Transportes, Armas e Comunicações da FEB

Victor Reis Chaves Alvim²⁵

Não existe guerra sem logística e não há logística sem transportes ou comunicações. Tendo este pensamento em mente, podemos entender a importância desempenhada pelos serviços logísticos de transporte de pessoal e pelas diferentes formas de comunicação para o êxito da campanha na FEB Itália durante a Segunda Guerra Mundial.

Por conta de sua enorme importância, tais serviços deveriam estar sempre bem dispostos, bem conservados materialmente, e deveriam ter a maior eficiência possível. Para que isso acontecesse, se fez necessária a adaptação da Força Expedicionária Brasileira ao padrão militar americano, abandonando assim, o até então adotado sistema francês. Também era necessária a existência de bons navios de guerra e armas modernas para se chegar até a Europa e também combater adequadamente no teatro de operações, isto é, na Itália; e isso o Brasil não pôde prover, cabendo então aos EUA todo o transporte e escolta até Nápoles, bem como o transporte de Nápoles à Livorno, até a linha de frente.

²⁵ Estudante do Curso de Graduação em História da UFPR. E-mail: victor.reis.c.a@gmail.com

O material disponível na sala compreende armamentos como alguns exemplos de metralhadoras utilizadas pela Força Expedicionária Brasileira na campanha italiana, armas estas compradas antes da Segunda Guerra Mundial. Apresentando-as como figuram no local de exposição a partir da esquerda para a direita temos:

- Madsen 1934: alimentada por carregadores de 25, 30 ou 40 cartuchos, pode disparar 450 tiros por minuto, sua ação é de recuo/retrocesso do cano. Fabricada pela dinamarquesa Dansk Rekyl Riffel Syndikat A/S. Foi adotada em outros 34 países;
- Hotchkiss M 1922: Alimentada por carregador em lâmina reta com capacidade para 15-24-30 balas, sistema de disparo operado a gás, 450 disparos por minuto. Produzida pela francesa Hotchkiss et Cie.
- Hotchkiss M 1909: Alimentada por carregador em lâmina reta com capacidade para 30 balas, cartucho .30, ação operada à gás, 400 disparos por minuto. Também produzida pela Hotchkiss et Cie em associação com o exército americano. Apresentava problemas para disparo de projéteis pontiagudos.
- Hotchkiss M 1914: Alimentada por uma cinta metálica, mais pesada que a M 1909, ação a gás, 500 disparos por minuto. Também produzida pela francesa Hotchkiss et Cie.
- Marlin 30: calibre .30, com capacidade para 650 disparos por minuto. Produzida pela americana Marlin Firearms.
- Breda 1930: Alimentada por 5 cartuchos em 4 grampos com capacidade para 20 balas, pode disparar 800 balas por minuto,

ação blowback (retrocesso de massa). Produzida pela italiana Breda Meccanica Bresciana.

- Châtellerault FM 1924-29: Alimentada por carregador com 25 cartuchos, ação a gás, com capacidade de disparo de 450 tiros por minuto. Fabricada pela empresa estatal francesa Manufacture d'Armes de St. Etienne.

- Lewis: Alimentada por um carregador em tambor com 47 ou 97 cartuchos, ação a gás, com capacidade de 550 disparos por minuto, bom sistema de refrigeração, calibre .30. Fabricada pela americana Savage Arms e pela britânica Birmingham Small Arms Company.

- Breda SAFAT: Alimentada por uma cinta de 500 cartuchos, tem capacidade de disparo de 800 a 900 projéteis por minuto a 720m/s. Fabricada pela italiana Breda Meccanica Bresciana.

A partir do exame dessa rara e valiosa coleção de armas percebem-se importantes aspectos do contexto mundial e nacional imediatamente anterior a eclosão da Segunda Guerra Mundial, passíveis de serem explorados numa abordagem multidisciplinar. Como exemplo pode-se apontar a História, tendo como tema a dependência do Brasil de fontes estrangeiras para fornecimento de armas (EUA, França, Itália, Dinamarca, etc.). O ensino da física e da química pode tomar como problema as diferentes tecnologias de automatização das armas, com seus distintos custos e implicações (recuo do cano,

operação a gás, etc.). A matemática e a física, através do estudo da inércia e da balística, pode prover explicações importantes sobre o desempenho de cada uma (cadência de tiro, trajetória, alcance, etc.), e assim por diante. Estes são alguns dos temas de ensino e pesquisa que podem ser suscitados com os estudantes em vista a este acervo.

Outra coleção de objetos presentes nessa sala diz respeito ao Transporte Naval. O museu apresenta fotos do embarque do primeiro escalão da FEB no Rio de Janeiro em 29 de Junho de 1944, bem com de aspectos da viagem que durou 13 dias, a bordo dos navios norte-americanos USS Mann e do USS General Meigs. Nas fotos pode-se observar um dirigível militar americano, utilizado para observação e busca de submarinos e navios das forças do Eixo, especialmente alemães. Há ainda fotos do dia 16 de Julho de 1944, dia em que a FEB desembarcou em Nápoles na Itália.

O acervo conta também com fotos das lanchas LCI (Land Craft Infantry) americanas, que levaram os brasileiros do segundo escalão da FEB, que desembarcou na Itália em outubro de 1944, de Nápoles até Livorno.

Outra coleção de objetos expostos na sala diz respeito as Comunicações. O museu dispõe de aparelhagem de

comunicação; telégrafos, telefones de campanha, rádios, rolos de cabos telefônicos, aparelhos fixos de rádio e telefonia, entre outros. Alguns modelos encontrados em exposição no museu são:

- Vibroplex Hanson – telégrafo
- VP RT 196 / PRC-6 – rádio receptor e transmissor de baixa frequência
- FMT (FM 143) – maleta telefônica de campanha
- ERC mod. BXD .60 – rádio frequência
- RPT-201 PC – com instruções de reparo de linha

As posições de vigilância e defesa imediata na linha de frente eram guarnecidas de telefones, em ligação com o comando do Pelotão a que se subordinavam. Quando avançavam, os comandantes de pelotões levavam rádios-portáteis que os ligavam ao comando de suas companhias. Esses postos de comando avançados dispunham de rádios de mesa, que os ligavam ao comando do regimento respectivo e mesmo da Divisão. Embora modernos, tais aparelhos apresentavam inúmeras limitações: baterias frágeis, obstáculos naturais e condições de tempo desfavoráveis à propagação das ondas radioelétricas, antenas e fiação de telefones extremamente vulneráveis à danos impostos pelo inimigo, etc.

Além da História o exame desta coleção de objetos suscita diversas questões ligadas a evolução da tecnologia das comunicações, tema de disciplinas tão diversas como Física, Geografia, Química e Matemática. O estudo da evolução e usos do espectro de frequências radioelétricas, até a universalização contemporânea de aparelhos celulares, pode ser de interesse para estudantes de diferentes disciplinas.

Ainda no que diz respeito aos objetos expostos cabe notar a importante coleção de roupas e bagagens. Na sala, o museu expõe os uniformes dos praças (sargentos e inferiores) e dos oficiais (tenentes e superiores), de fabricação brasileira, onde é interessante notar a tonalidade de verde muito semelhante à utilizada no exército alemão e mesmo nas tropas do Partido Nazista. Há também sacos de viagem dos soldados febianos: o Saco A que era levado para a linha de frente contendo utensílios de necessidade diária; e o saco B, o que ficava nas posições longe da linha de frente e era usado para carregar coisas como toalhas e lençóis; e, finalmente um saco C, destinado para cobertores e roupa de cama.

A designação oficial destes sacos acabou por se tornar referência para a situação dos militares em relação ao serviço na linha-de-frente. No front o soldado só conservava o seu saco A.

Desta maneira, os verdadeiros combatentes , aqueles que de fato se expuseram ao fogo inimigo e travaram combates eram conhecidos – e também reconheciam a si próprios como “Saco A”. Os indivíduos que exerciam funções de apoio, burocrático ou administrativo, e que jamais se expunham aos perigos do combate eram conhecidos (e repudiavam essa associação) como “Saco B”. A distinção entre esses grupos é fundamental para compreensão dos fundamentos da História da FEB na Campanha da Itália.

Finalmente, existe uma vasta coleção de plastimodelos. A sala dispõe de inúmeros aviões em miniatura, tanto dos Aliados como do Eixo. Ela se associa neste aspecto com a sala seguinte, que trata de fato da FAB (Força Aérea Brasileira) na Segunda Guerra Mundial.

Para encerrar essa parte ficam algumas sugestões de como abordar os conteúdos sugeridos ou explicitados pelo acervo exposto da sala com o que propõem os PNCs do MEC, e uma crítica. Através das fotos disponíveis e materiais como capacetes, armas, uniformes, cartas, equipamentos técnicos, etc. podem ser trabalhados com referência a uma análise do contexto no qual estavam inseridos. É possível e praticável uma abordagem educativa de exposição de documentos históricos,

além de ajudar o aluno de ensino fundamental e médio a enxergar os agentes do passado como pessoas concretas, de carne e osso, tal como eles próprios. Por outro lado, a parte negativa se dá pelo fato de o museu ainda necessitar de elementos pertinentes à FEB e à FAB na campanha aliada na Itália. No que corresponde à sala de transportes, o museu carece explanar, por exemplo, sobre como foi o transporte de membros das Forças Aéreas até a Europa.

Armas Portáteis da FEB

Gabriel Kotaka de Orte²⁶

Quando observamos a sala das armas portáteis, localizada no segundo andar deste museu, podemos encontrar diversos modelos de armamentos utilizados pela FEB durante sua campanha na Itália.

Podemos então falar dos fuzis utilizados na campanha da Itália durante a Segunda Guerra Mundial. O primeiro a ser considerado é o M1-Garand. Um clássico presente nos famosos jogos de *videogame*, tais como *Medal of Honor* e *Call of Duty*. Ele era a arma padrão do Exército Americano durante a campanha. O M1-

²⁶ Estudante do Curso de Bacharelado e Licenciatura em História/UFPR, bolsista IC/Fundação Araucária. E-mail: gabrielgkdo@gmail.com

Garand²⁷ é operado a gás e é semi-automático. Isso significa que o poder para engatilhar o fuzil vem do gás deixado pelo último disparo e ele atira a cada vez que o gatilho é puxado. Apesar de ser uma divisão de infantaria subordinada ao Exército Americano o Garand não foi entregue a FEB, como seria padrão. Em seu lugar foram entregues os M1903 Springfield²⁸, que, diferente dos Garands, são de funcionamento por ação de ferrolho, significando que, após cada disparo é necessário que o atirador engatilhe o fuzil manualmente, acionando uma alavanca lateral. Esse procedimento diminui muito a velocidade de ação e a precisão - pois o atirador perde a referencia do seu alvo ao acionar a alavanca manualmente após cada disparo - e consequentemente o poder de fogo da infantaria.

Esse problema pode não parecer tão grande quando observamos que os alemães utilizavam um fuzil de funcionamento parecido, o Kar 98k, aparentemente igualando o poder de fogo entre os adversários. Porém, a desvantagem das tropas da FEB se torna nítida através do exame da temida metralhadora MG-42²⁹ e outras armas automáticas. Conhecida também como Lurdinha, a MG-42 tinha uma cadência de disparo incrível e uma habilidade especial, a de troca de cano, que a possibilitava de atirar por horas, incessantemente,

²⁷ Para observar uma versão audiovisual do funcionamento da m1 Garand: www.youtube.com/watch?v=76czumNjJs4&feature=relmfu

²⁸ Idem para 1903 Springfield: www.youtube.com/watch?v=yJjKH7nPJas&feature=related

²⁹ Idem para MG42: www.youtube.com/watch?v=N59msUnyy1g

contra os aliados. Apesar do esforço aliado no emprego do fuzil automático Browning (BAR) e da metralhadora Browning .30, essas armas não possuíam a tecnologia para superar o armamento alemão, deixando a FEB em desvantagem contra o poder de fogo nazista.

Petrechos Pesados

Simone Souza Guaselle³⁰

As ações de combate da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Itália eram realizadas principalmente por sua infantaria, que ficava na linha de frente com armamentos relativamente leves, como o fuzil Springfield (modelo 1903), fornecido como arma-padrão pelos órgãos de abastecimentos dos EUA. Todo armamento empregado pela FEB era de origem norte-americana.

Isto ocorria devido aos terrenos acidentados, que impediam uma maior movimentação dos carros de combate e armamentos de maior calibre, como os utilizados pela artilharia e pela Companhia de Petrechos Pesados. A guerra travada na Itália foi uma guerra em meio às montanhas, na qual as

³⁰ Estudante do Curso de Graduação em História da UFPR (Diurno). E-mail: simoneguaselle@yahoo.com.br

infantarias eram os órgãos combatentes em ambos os lados. Em decorrência desse fato recaiu sobre os seus combatentes a maior parte das baixas. Segundo o general João Batista Mascarenhas de Moraes, 97% dos mortos e feridos da FEB, entre 16 de setembro e 31 de dezembro de 1944, eram da infantaria.³¹

Para aqueles que atuaram bem longe do front, há quem diga que – por exemplo - ficar na artilharia era monótono, como fez o jornalista, que esteve na Campanha da Itália, Rubem Braga: “ficar meses em uma barraca, a vida girando em torno de um canhão e dois telefones - esta é a rude disciplina do artilheiro [...], a monotonia é sem remédio - e mesmo o canhoneio inimigo que se repete sobre o mesmo ponto acaba monótono para suas possíveis vítimas”.³² Entretanto, a opinião de um artilheiro, pode ser bem diferente, o Coronel Heitor Borges Fortes, na época da Segunda Guerra ainda Major no III Grupo 105, escreve em sua obra *A artilharia Divisionária da 1ª divisão de Infantaria Expedicionária na Campanha da Itália*, que a artilharia tinha: “trabalho contínuo, que se intensificava ao cair da noite, pois os planos de fogos eram ajustados à pronta intervenção em caso de

³¹ BONALUME NETO, Ricardo. **A nossa Segunda Guerra: os brasileiros em combate** (1942-45). Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995, p. 166.

³² BRAGA, Rubem. **Crônicas da Guerra (com a FEB na Itália)**. Rio de Janeiro: Editôra do Autor, 1964, p. 178.

ser necessário cobrir o avanço de nossas patrulhas ou seu retraimento, coisa que frequentemente ocorria”.³³

A artilharia brasileira desempenhou um importante papel ao dar cobertura para o avanço da infantaria, com canhões e obuses, estes de 105 mm e 155 mm, posicionados muito atrás à frente de combate. A destruição de casamatas, a interrupção do movimento e do fogo inimigo, a cobertura com granadas de fumaça e etc. eram algumas das atividades que desenvolvia. A ligação por rádio portátil com um observador avançado, isto é, um militar (geralmente pertencente à artilharia) que acompanhava a progressão da tropa, permitia a correção do fogo dos canhões sobre o inimigo em tempo real à medida em que alvos eram descobertos e identificados pela infantaria.

O Museu do Expedicionário possui amostras de munições utilizadas pela artilharia, armas que nos foram também distribuídas pelos norte-americanos. Para operar estas armas eram necessários 5 homens: um trazia a munição, outros dois carregavam o canhão, um quarto fazia a mira, e um quinto soldado disparava a arma. Contudo, para que a arma fosse

³³ FORTES, Cel. Heitor Borges. **A artilharia Divisionária da 1ª divisão de Infantaria Expedicionária na Campanha da Itália**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1962, p. 28.

disparada era necessário receber ordens por telefone de um observador avançado, que tanto podia estar no solo quanto embarcado em uma aeronave leve de observação. Também se fazia fogo por estimativa, através de informações obtidas pela consulta aos mapeamentos, sempre realizados e atualizados tanto por aeronaves, quanto por observadores no solo. As granadas destruíam, além de alvos militares, casas, estradas, pontes e seus estilhaços foram responsáveis pela maioria das mortes e ferimentos de infantes.³⁴ Juntamente com os estilhaços de morteiros, constituíam-se nas armas mais terríveis, pois em função da trajetória parabólica dos seus projéteis, acertavam os abrigos subterrâneos dos combatentes, os chamados *fox-holes*, ao mesmo tempo em que mantinham suas guarnições a salvo, ocultas do lado oposto das elevações que dividiam os lados em confronto. Os morteiros 60 mm e 81 mm pertenciam à Companhia de Petrechos Pesados, que ficava na linha de frente no campo de batalha, ao contrário da artilharia.

A FEB era uma Divisão de Infantaria, comandada pelo general João Batista Mascarenhas de Moraes, subordinada ao 5º

³⁴ Tabela com número de feridos em combate por armas e serviços. In: CASTELLO BRANCO, Ten. Cel. Manoel Thomaz. **O Brasil na II Grande Guerra**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960, p. 319.

Exército Americano, comandado pelo general Mark Clark. A divisão era composta por 3 regimentos com 3.256 homens, que por sua vez dividiam-se em 3 batalhões com 871 homens. Cada batalhão era dividido em três companhias com 193 integrantes e uma Companhia de Petrechos Pesados com 166 homens, comandados por capitães.³⁵

A Companhia de Petrechos Pesados possuía além dos morteiros, as *bazoocas* e as metralhadoras Browning .30 (modelo 1917) e Browning .50. Estas metralhadoras ajudariam os soldados brasileiros frente às superiores MG 34 (*Maschinengewehr* - 1934) e MG 42 (*Maschinengewehr* - 1942) alemãs, as apelidadas “Lurdinhas”. Tais armas tanto faziam fogo sobre alvos imediatamente visíveis quanto sobre áreas distantes, mas nas quais se suspeitava ou sabia-se haver a presença de elementos inimigos. Estas tinham a vantagem da possível troca do cano, quando estivesse aquecido em função da quantidade enorme de disparos por minuto. As metralhadoras alemães tinham o dobro da cadência de tiros por minutos emitidos pela Browning .30 e .50. Pior ainda, as armas americanas, ao contrário das alemãs, não possuíam dispositivo para a troca do

³⁵ BONALUME NETO, Ricardo. Op. Cit., p. 135.

cano³⁶, levando a sucessivas interrupções do apoio de fogo de metralhadora em intervalos frequentes, para esfriamento do cano. Cabe, finalmente, mencionar o número muito superior de armas desse tipo em relação ao exército dos EUA. Tais fatos se tornam de particular interesse para o entendimento das implicações da luta travada pelos brasileiros nas montanhas da Itália. Afinal de contas, das metralhadoras sempre era requerido um fogo contínuo que tanto destruísse quanto imobilizasse qualquer movimento do inimigo.

A sala do museu, que contém vários destes armamentos pesados, ainda, possui um quadro com propagandas tanto alemãs, quanto americanas, que visavam à provocar a rendição do inimigo. Estes panfletos eram jogados aos inimigos na linha de frente, para que desistissem da luta. A guerra não foi feita só de destruição física, havia a intenção de abalar psicologicamente a tropa inimiga. Algumas propagandas procuravam repudiar a “americanização” do Brasil, alegando que os Estados Unidos estavam se apossando de nossas riquezas, materiais e culturais, e que os brasileiros não estariam lutando por uma causa verdadeiramente relevante à nação. O fato é que com o andar da

³⁶ Idem, p. 192.

guerra Getúlio Vargas, mesmo frente a uma ditadura, optou por apoiar os americanos, que já o cortejavam com a “Política da Boa Vizinhança” de Roosevelt. A princípio alguns oficiais militares brasileiros chegaram a ver na Alemanha um melhor parceiro, mas com a progressiva derrocada alemã “não demorariam muito a se converter à americanização”.³⁷ A despeito de toda esta rede de informações, deve-se ressaltar que muitos dos brasileiros que foram combater na Itália, sequer sabiam o porquê estavam ali.³⁸

Junto às munições da artilharia, há, ainda, os espólios da rendição da 148ª Divisão de Infantaria alemã, que ocorreu no dia 28 de abril de 1945 em Collecchio - Fornovo di Taro. A FEB contava com quatro grupos de artilharia, conhecidos pelos nomes de seus comandantes. O Grupo Souza Carvalho, um dos três que operava obuses 105 mm, apoiou o 1º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria brasileira nesta conquista. Foram rendidos “cerca de 16.000 homens, 4.000 animais e 2.500

³⁷ TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 19- 25.

³⁸ BONALUME NETO, Ricardo. Op. Cit., p. 128.

viaturas [...] aproximadamente 800 feridos aguardavam socorros urgentes” na última rajada de artilharia brasileira na Itália.³⁹

Por fim, há uma foto na saída da sala em que um soldado está escrevendo uma carta. As cartas enviadas, mas principalmente as recebidas pelos combatentes eram muito importantes, pois desta forma conseguiam se desvencilhar por um instante daquele contexto rude e de alguma forma ter contato com as pessoas que amavam. “Chegou correio” era “uma frase que mobilizava mais gente que qualquer ordem de general”, desta forma: “a cara do sujeito que não recebe carta [...] é uma cara de naufrago. O sujeito se sente abandonado numa ilha deserta - e nunca faltam outros sujeitos que, sem ligar para a sua amargura, ainda vêm lhe mostrar fotografias que receberam ou ler trechos de cartas que acham muito engraçadas ou comoventes - e que não comovem nem fazem rir de modo nenhum o pobre esquecido”.⁴⁰ As cartas, no entanto, demoravam cerca de um mês para chegar à Itália. Já o telegrama demorava um pouco menos. Este tinha 124 frases fixas, e cada frase possuía um número correspondente, sendo que o soldado

³⁹ Autoria desconhecida. **Rendição alemã.** Disponível em: <http://www.anvfeb.com.br/>. Acesso em: 11/08/ 2011.

⁴⁰ BRAGA, Rubem. Op. Cit., p. 88.

podia mandar 3 números por telegrama. Tinha-se certo trabalho para decodificar a mensagem numérica, além do risco de errar os números ao escrever.⁴¹ A medida não visava propriamente à economia de meios. Era fundamentalmente uma maneira de agilizar a leitura de ditado de cartas por parte dos combatentes brasileiros não-alfabetizados.

A análise do acervo a partir da visita ao museu amplia a bagagem cultural dos alunos, de modo que possam avaliar o contexto da participação da FEB na Segunda Guerra Mundial. Podendo-se ir além do que foi possível expor no local, pensando, por exemplo, em que condições os convocados da FEB foram para a Itália, e, se conseguiram voltar ao Brasil, como a guerra deve ter afetado estas pessoas.

⁴¹ Idem, p. 87- 89.

Enfermagem

Gabriela Larocca⁴²

Nicolle Tanner de Lima⁴³

O acervo da sala Enfermagem diz respeito à atuação do Serviço de Saúde da FEB durante a II Guerra - enfermeiras, médicos e dentistas. Com o envio das tropas à Itália, fez-se necessário a formação de um grupo voltado para o atendimento médico, visto que inicialmente tal tarefa era função do serviço de saúde norte-americano. A exposição é composta por fotografias de enfermeiras, retratos pessoais ou em grupo, imagens de enfermeiros em um hospital de campanha, assim como da vista aérea do mesmo; uniformes dos profissionais, bandeiras, uma cadeira de dentista e instrumentos cirúrgicos e de pronto-socorro. Estes materiais representam não só as enfermeiras e enfermeiros, e é importante problematizar que o nome da sala poderia fazer menção aos outros atuantes da área de saúde.

O Serviço de Saúde da FEB constituiu-se de 1.369 homens e mulheres, sendo estes: 198 médicos, farmacêuticos, dentistas e intendentess; 68 enfermeiras; 225 sargentos, enfermeiros e funcionários administrativos; 176 cabos e 721 soldados.⁴⁴

⁴² Estudante do Curso de Bacharelado e Licenciatura em História/UFPR, Bolsista PET/História. E-mail: gabriela_larocca@hotmail.com

⁴³ Estudante do Curso de Bacharelado e Licenciatura em História/UFPR, Bolsista PET/História. E-mail: nicolle.taner@yahoo.com.br

⁴⁴ RIGONI, Carmen. Diários de Guerra. São Paulo, Editora Progressiva, 2010, pg. 57.

Os médicos da reserva foram recrutados através de estágios e os civis receberam cursos de emergência em Medicina Militar. Os estudantes passaram por um processo de seleção e por um curso militar, embarcando como sargentos ou aspirantes. Já na viagem os serviços dos enfermeiros e médicos foram necessários, pois ajudaram a atender os soldados desacostumados com o transporte marítimo.⁴⁵

No caso do recrutamento das enfermeiras, o decreto que oficializava tal ação foi realizado em caráter emergencial, por solicitação do serviço de saúde americano, pois não havia efetivo suficiente para o atendimento aos brasileiros. Inicialmente, o governo procurou as estudantes da Escola Anna Nery, mas em virtude do baixo salário que receberiam e do fato de que não teriam posto militar, o recrutamento não obteve apoio da direção da instituição. Devido a tal fato, foram realizadas convocatórias em jornais, sendo que muitas moças se voluntariaram. As condições estabelecidas foram: ser solteira, viúva ou desquitada, de 22 a 45 anos e que possuísse qualquer diploma em Enfermagem – o que incluía cursos de auxiliares e socorristas. Antes de embarcarem, as moças receberam um curso extra de preparação militar.

A inclusão de mulheres no Serviço Militar dividiu a opinião da sociedade brasileira: muitos acreditavam que as moças estavam sendo verdadeiras heroínas e muito corajosas, em deixar seu país para

⁴⁵ RIGONI, 2010, op. cit. pg. 57-59.

cuidar dos feridos; outros desaprovam o fato, alegando que a mulher tomaria o espaço do homem, e que “(...) isso era coisa de moças ‘que não prestavam’” ⁴⁶. Podemos perceber parte da estrutura social brasileira através dessas afirmativas: o papel da mulher na sociedade, dócil e caridosa, visto que sua tarefa na Guerra seria uma extensão do lar, de seu papel maternal e cuidadora dos filhos da Pátria-Mãe.

É importante ressaltar que durante a Guerra, faltaram-lhes materiais, tanto pessoais (o que foi suprido pelos americanos, como foi o caso de uniformes), quanto de trabalho, fazendo o melhor possível, como sugerem vários depoimentos de contemporâneos. Entretanto, quando voltaram ao Brasil, assim como a maioria dos soldados febianos, estas enfermeiras foram esquecidas, tanto pelo governo, como pelo Exército, já que foram desmobilizadas, apesar de seu desejo de continuar no serviço militar, onde seriam úteis no atendimento aos feridos e mutilados no pós-guerra – não sendo chamadas nem ao menos para o Desfile da Vitória.

A exposição presente envolve inúmeros temas da história brasileira passíveis de questionamentos e debates, como: saúde, questões de gênero e o papel da mulher, higienização, cidadania e cultura. Nota-se que o papel dos agentes de saúde foi de extrema importância para o sucesso da participação brasileira na Guerra,

⁴⁶ MORAIS, Berta. Depoimento de uma enfermeira. In: ARRUDA CAVALCANTE, D. (Org.) Depoimentos de oficiais da reserva sobre a FEB. São Paulo, Ed. Dos Autores, 1949, pg. 403-419

entretanto, o museu não deixa claro para o visitante o contexto de seu recrutamento, a divisão de funções internas e a difícil reintegração na sociedade brasileira após o fim do conflito. Por meio do acervo seria possível levantar problemáticas acerca do ambiente e das dificuldades vivenciadas por tais homens e mulheres, além da criação da imagem de uma enfermeira dócil e submissa, que como as fotos da própria sala retratam, estavam sempre sorrindo e prontas para ajudar.

Acampamento

Vinicius Rodrigues Mesquita⁴⁷

A sala do acampamento no museu do expedicionário se propõe a demonstrar um pouco do cotidiano do soldado brasileiro na Itália. Encontra-se nesta sala, uma barraca com materiais utilizados na campanha (roupas e utensílios), um fogão americano que era utilizado pela tropa brasileira, quadros, e exposição de uniformes de oficiais de alto escalão na FEB. O inverno Italiano de 1944/45 foi extremamente rigoroso. Contudo os infantes brasileiros, mesmo não habituados a condições climáticas demasiadamente gélidas, conseguiram fazer uma ótima campanha. Uma fotografia na sala mostra uma patrulha brasileira em plena neve sendo treinada por oficiais americanos, os soldados (brasileiros e americanos) utilizam capa de camuflagem de

⁴⁷ Estudante do Curso de Bacharelado e Licenciatura em História/UFPR. E-mail: viniciusrodriguesmesquita@yahoo.com.br

inverno e pranchas de Sky para poderem se locomover sem afundar na neve, materiais estes, cedidos pelo governo norte americano.

O Marechal Mascarenhas de Moraes no livro de sua autoria, “A F.E.B pelo seu comandante”, relata as dificuldades que compreenderam transformar uma organização militar brasileira, que antes funcionava segundo os moldes da “Escola Francesa”, em uma Divisão de Infantaria nos padrões militares Norte Americanos. Mesmo no navio, os soldados brasileiros notaram as diferenças de serem uma tropa incorporada ao 5º. Exército Norte Americano, seja pela disciplina exigida pelos oficiais estadunidenses, “a organização do cotidiano do Navio impressionou a tropa pela sua exatidão”⁴⁸, ou coisas como o paladar diferenciado, (costume americano de ingerir comidas agrídoces). No livro Verdades e Vergonhas da Força Expedicionária Brasileira, o ex-sargento Leonércio Soares cita a ocasião em que um navio brasileiro atracou em Nápoles carregado de alimentos para os soldados brasileiros. O serviço médico aliado examinou a carga do navio e constatou que os alimentos enviados para os “febianos” estavam estragados. “Parece que houve uma ordem do Comando Superior Aliado: - Não mandem mais essas coisas!” O exército Americano começou então a abastecer as tropas brasileiras com produtos de maior qualidade, auxiliando em diversas provisões como, roupas, cigarro, comida e outros.

⁴⁸ GONÇALVES, J. & MAXIMIANO, C. C. Irmãos de armas: um pelotão da FEB na Segunda Guerra Mundial. São Paulo, Nobel, 2005.

Durante a campanha na Itália houve uma diferenciação entre o exército que ficou no Brasil e o que foi para guerra. A predominância de civis na FEB e influência americana tornaram os soldados brasileiros da 2ª Guerra, componentes de uma força armada diferente do tradicional Exército, dito “do Caxias”. O “novo exército”, ou “exército da FEB”, submetido aos padrões americanos se preocupava com a condição de seus combatentes.⁴⁹

Os antigos padrões militares brasileiros baseados na hierarquia e patriarcado desfavoreciam os militares de mais baixa patente. Com a nova forma de organização os pracinhas começaram a presenciar um exército mais democrático. A qualidade da alimentação melhorou, os infantes que antes comiam mal receberam uma dieta mais calórica, os uniformes ineficientes e produtos de baixa qualidade deram lugar para os novos materiais americanos, mais adequados a situação de guerra. A aproximação entre os dois países era visível na política e cultura em geral. Com inspiração nos tabloides americanos os soldados da 6 R.I produziram um jornal da tropa, titulado “E a Cobra Fumou” com o nome de cabeçalho, “não registrado pelo DIP”, anedota que criticava o regime ditatorial brasileiro.⁵⁰ Nas trincheiras

⁴⁹ CAVALCANTE, D.C. (org.) Depoimentos de Oficiais da Reserva sobre a FEB. Editora do Autor, 1950.

⁵⁰ Departamento de Imprensa e Propaganda, ver <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/DIP>

da 2º guerra, os pracinhas dispunham de mais liberdade de expressão do que antes no Brasil.

Outros materiais relacionados ao tema serão encontrados em diferentes espaços do Museu. A fotografia de um pracinha escrevendo uma carta enquanto descansa em sua barraca, está exposta no corredor ao lado da sala de petrechos pesados. Na sala de transportes estão expostos, sacos de pertences de infantes juntamente com uma ampla fotografia de um acampamento da FEB. Tais peças seriam melhor contextualizadas nesta sala do acampamento.

Forças do Eixo

Lana Beatriz Baroni⁵¹

A sala denominada Forças do Eixo do Museu do Expedicionário reúne alguns objetos e fotos relacionados à Itália e à Alemanha. Tais itens possuem naturezas diversas entre as quais podemos citar capacetes, dinheiro, distintivos, revistas de propaganda Nazista, braçadeiras e selos postais, além de diversos objetos de uso pessoal como talheres e uma plaqueta de identificação. O espaço também abriga algumas fotos, sendo que duas delas estão indevidamente legendadas e mal localizadas por serem fotos da Normandia, local pelo qual a FEB não passou, mas genericamente as

⁵¹ Estudante do Curso de Bacharelado e Licenciatura em História/UFPR. Bolsista PET/História. E-mail: lanabeatrice@gmail.com

fotos deste ambiente se referem às tropas alemãs, principalmente no que diz respeito a rendição da 148ª DI à FEB, e à atuação dos brasileiros na Itália. No entanto, a maior referência e presença nesta sala é a temática das armas.

A respeito dos países do Eixo, devemos iniciar afirmando que a força de tais nações, principalmente pela sua propaganda, era superestimada por seus inimigos. Até os dias atuais, muitos aumentam o poder efetivo e dos líderes desses países tanto no âmbito interno de adesão à suas ideias e popularidade de suas figuras, quanto no âmbito externo da conquista de países e construção de um império. O discurso hegemônico sobre este assunto ignora ou menospreza, no entanto, a existência das resistências que fervilharam não só internamente à Itália e Alemanha, mas por todo o globo onde diversos grupos eram contrários aos regimes totalitários. Também se deve notar o fato de que a propaganda feita pela Itália e pela Alemanha combinado com o medo exacerbado que a Inglaterra e França tinham dos países do Eixo criou um mito da enorme força dos impérios totalitaristas, que possuíam armas ou recursos limitados e em alguns casos até mesmo ultrapassados⁵².

Dessa forma, podemos nos perguntar qual era a real força da Alemanha e da Itália na Segunda Guerra Mundial? Qual o verdadeiro impacto de suas ideologias na população? Em que aspectos esses

⁵² Sobre este assunto é fundamental o texto de KENNEDY, P. Ascensão e queda das grandes potências. Rio de Janeiro. Campus, 1989.

países se aproximavam e em quais se afastavam do Brasil? E como a participação da FEB na guerra influenciou na luta contra o governo autoritário no país?

De forma bastante desorganizada o Museu do Expedicionário apresenta elementos que podem nos remeter aos questionamentos acima sem maiores explicações ou citar a importância das armas presentes no recinto, incluindo a MG-42, mais conhecida como “Lurdinha”, que foi a arma mais temida pelos brasileiros na guerra.

Propaganda na Segunda Guerra Mundial

Antonio D. Greff de Freitas⁵³

Danilo de M. Prandi⁵⁴

O Século XX foi marcado pelo uso intenso das mais diversas mídias propagandísticas para se conquistar objetivos, tanto ideológicos como econômicos. Antes mesmo da Segunda Guerra Mundial, a propaganda vinha sendo usada intensamente pelas potências que mais tarde estariam na Guerra. O Nazismo, sob a supervisão do então ministro alemão da propaganda Joseph Goebbels, usou das mais diversas mídias, tais como o rádio e o cinema, para ganhar força, justificar os esforços de guerra e também para difundir seus ideais de ódio e

⁵³ Estudante do Curso de Bacharelado e Licenciatura em História/UFPR. E-mail: tonigreff@gmail.com

⁵⁴ Estudante do Curso de Bacharelado e Licenciatura em História/UFPR. Bolsista IC/CNPq. E-mail: danilo.prandi@gmail.com

intolerância, principalmente contra os judeus, para a população alemã. Os Estados Unidos da América usou da propaganda para se aproximar de países da América Latina em busca de aliados, sendo o desenho Zé Carioca, feito por Walt Disney, o caso mais célebre desta tentativa de aproximação, neste desenho tendo em vista o Brasil⁵⁵. O diretor Frank Capra foi contratado pelo governo Norte-americano para criar uma série de filmes para incentivar e justificar os esforços de guerra. Esta série foi denominada *Why We Fight?* (Por que Nós Lutamos?).⁵⁶

O Museu do Expedicionário em Curitiba possui diversos exemplares de propagandas de guerra, apesar de elas estarem aleatoriamente exibidas e misturadas com objetos em exposição que não são ligados ao tema. Dentre a exposição, encontram-se diversas fotos mostrando a dominação e a submissão ao Nazismo na Alemanha, réplicas impressas de cartazes e selos que eram divulgados pelas potências beligerantes para conscientizar sua população e caricaturar o inimigo. Estes cartazes eram publicidade dos bônus de guerra ou *War bonds*, que entre outros fatores, podiam proporcionar divisas para o governo, como também fazer com que o cidadão se sentisse envolvido com o conflito.

Dentro dessa perspectiva, vale salientar a importância das fotos que são exibidas, em muito por serem imagens clássicas da 2ª Guerra, como também por ocuparem um espaço relativamente grande

⁵⁵ Ver em: <<http://www.youtube.com/watch?v=IUMuOXpij6s>>

⁵⁶ Ver em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Mm3GsSWKyso>>

da sala em questão. Nesse local é possível ver imagens que destacam combates, como *Kamikazes* mergulhando em navios americanos ou a imagem clássica do cogumelo formado pela bomba lançada em Hiroshima. Uma foto em particular chama atenção, é a foto tirada por Yevgeny Khaldei, retrata um soldado soviético tremulando a bandeira de seu país no alto do parlamento de Berlin, o que simbolizava a conquista da capital nazista. Porém, o detalhe dessa imagem recai sobre a manipulação que ela sofreu antes de ser publicada, pois, em sua versão final foram adicionadas nuvens negras, outra bandeira, e retirado um dos relógios do personagem retratado. Sem dúvida, essa manipulação demonstra que fotos também são usadas com o objetivo de propagar ideais, superioridade, buscar adeptos políticos, ou a legitimação do regime do país.

Durante a Segunda Guerra Mundial era comum o uso da propaganda para desmoralizar e enfraquecer o inimigo. O Museu expõe, na sala dos Petrechos Pesados, distante da outra em que se concentra a maior parte das propagandas, réplicas de panfletos criados pelos Nazistas que foram lançados sobre o exército brasileiro, colocando em dúvida sobre os verdadeiros motivos de o Brasil estar na guerra e oferecendo a oportunidade de uma rendição pacífica.

A Guerra que não acabou: pós-guerra, luta pelos direitos e a Legião Paranaense do Expedicionário

Bruna Estevão Costa Oliveira⁵⁷

Luís Fernando Costa Cavalheiro⁵⁸

Após um triunfal final de guerra, a Força Expedicionária Brasileira (FEB), permaneceu em solo italiano por cerca de três meses, ocupando militarmente o território conquistado.⁵⁹ Criada, inicialmente, para dar prestígio e legitimidade ao governo ditatorial de Getúlio Vargas⁶⁰, a FEB foi extinta em 16 de julho de 1945, antes mesmo da chegada dos soldados ao Brasil. As vitórias febianas no *front* em sua corajosa luta contra o totalitarismo nazi-fascista transformaram a imagem da FEB de um braço forte do governo em um perigo político que deveria ser dissolvido.

Quando aqui chegaram, os soldados foram recebidos em meio à festas e cumprimentos, conforme demonstra a fotografia, que enquadrou a multidão e uma faixa “*Benvindo a pátria*”. O jornal *O*

⁵⁷ Graduanda em História pela UFPR. Email: laymit@hotmail.com

⁵⁸ Mestrando em História pela UFPR. Email: fernando_costa_cavalheiro@hotmail.com

⁵⁹ NASS, Sirlei de Fatima. Legião Paranaense Do Expedicionário: indagações sobre a reintegração social dos febianos paranaenses (1943-1951). Tese de mestrado em História pela UFPR. Curitiba, 2005, p. 53

⁶⁰ FERRAZ, Francisco C. A. . *À Sombra dos Carvalhos: Escola Superior de Guerra e Política (1948/1955)*. 1. ed. Londrina: Editora da UEL, 1999, p.131.

Globo destacava “*um dia glorioso para o Brasil*”, conforme foto da manchete, localizadas entre as salas Max Wolff Filho e o expositor dedicado a José Machado Lopes, no Museu. Entretanto, a realidade encontrada pelos soldados que retornaram não foi tão acolhedora. As garantias empregatícias e de manutenção de 50% do salário do período de guerra, oferecidas aos combatentes quando do alistamento, não foram cumpridas quando retornaram. Em solo brasileiro os ex-combatentes encontraram uma sociedade despreparada para compreender sua nova condição, e políticas que não garantiam e nem promoviam atendimento às suas necessidades. Não houve divulgação da imagem e importância dos febianos, o que contribuiu para que se permanecesse no desconhecimento de seus feitos militares e com grandes dificuldades de readaptação.⁶¹ E, ainda, a baixa escolaridade dos ex-combatentes foi um entrave para a reinserção no mercado de trabalho.⁶²

Nos Estados Unidos a reintegração foi mais efetiva e houve uma maior preocupação com os ex-combatentes. Desde 1942, o

⁶¹ ROSA, Alessandro dos Santos. *A reintegração social dos ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira (1946-1988)*. Dissertação de mestrado em História pela UFPR. Curitiba, 2010, p.71.

⁶²FERRAZ, Francisco C. A.. Tão próximos, tão distantes: o pós-guerra dos ex-combatentes do Brasil e dos Estados Unidos. In: OLIVEIRA, Dennison (org.). *A Força Expedicionária Brasileira e a Segunda Guerra Mundial – Estudos e Pesquisas*. Página. 44. Disponível em: http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2011/10/livro_final.pdf (acesso em 31 de maio de 2012)

governo estadunidense realizava pesquisas com intenção de readaptar os sobreviventes da guerra à sociedade. Uma medida encontrada foi com o *G.I. Bill of Rights*, que garantia auxílio médico, estudo superior e auxílio desemprego aos veteranos de guerra.⁶³ A reintegração dos ex-combatentes nos Estados Unidos era modelo para o Brasil⁶⁴, mas a realidade entre os países para com seus ex-combatentes foi bem distinta.

Em meio ao contexto do pós-guerra, muitos países viram a necessidade na criação de espaços destinados à composição de estudos e planejamentos para a Segurança Nacional. No Brasil, houve a criação da Escola Superior de Guerra, a ESG, nos moldes da americana *National War College*, resultado da aproximação entre Brasil e Estados Unidos, durante a Guerra. Osvaldo Cordeiro de Farias, Comandante de Artilharia da FEB e um dos mentores do Regulamento da ESG, entende, nesse sentido, que a “ESG brotou da experiência da FEB”.⁶⁵

Em contrapartida ao descaso com os ex-combatentes, houve a criação de associações cujas funções seriam tanto de reintegração, quanto de preservação da memória dos combates da Guerra. No Paraná houve também essa preocupação por parte de alguns ex-combatentes. Já em janeiro de 1946, uma reunião em um pequeno

⁶³ Idem, p. 46

⁶⁴ Idem, p. 41-42.

⁶⁵ FERRAZ, op. cit. p.143.

quarto de pensão em Curitiba foi espaço para dar início ao que seria, a partir de 20 de novembro daquele mesmo ano, à Legião Paranaense do Expedicionário, a LPE.⁶⁶ A intenção da LPE era garantir a reintegração social e profissional, assistência à saúde e a preservação da memória dos ex-combatentes paranaenses.

Mesmo com as dificuldades financeiras e a falta de um lugar fixo para prestar seus auxílios, a Legião encontrou outros locais para seus serviços e reuniões. Até que em 15 de novembro de 1951 foi fundada a Casa do Expedicionário. A partir de então, esta se tornou a sede da LPE, a qual estava sob a presidência de José Machado Lopes, principal articulador na captação de recursos para a construção da Casa – e que empresta seu nome à sala destinada à memória da LPE, no Museu. Agora, os ex-combatentes possuíam um abrigo, para aqueles que eram desabrigados ou que estavam de passagem pela capital, além de lugar fixo para procurar quando de suas necessidades. Da necessidade de manter a memória da guerra e da Legião, e esgotada sua função assistencial, o prédio da Casa do Expedicionário passou a ser o exclusivamente o atual Museu do Expedicionário, em 29 de julho de 1980.

À sala destinada à memória da LPE no Museu contém, em destaque, retratos de dez ex-combatentes paranaenses ainda vivos – sem, no entanto, haver uma legenda que indique a relevância dos

⁶⁶ NASS, op. cit. p. 97.

retratos. Logo abaixo das fotos está uma vitrine com alguns objetos de momentos diferentes da LPE. Na distribuição da sala há mais duas vitrines, uma com medalhas e outra com artefatos festivos. Das festividades encontramos também diversas fotos em murais na sala.

Embora um espaço próprio e constituído para a memória dos feitos de guerra e da LPE, o que está silenciado e sem visibilidade é a dura luta pela qual passaram os ex-combatentes para reintegrar-se à sociedade. Expor dificuldades, procuras, auxílios e conquistas conjuntas entre a LPE e aqueles que um dia participaram das glórias da Segunda Guerra poderia ser uma bela forma de demonstrar o principal caráter de uma guerra: a presença humana e o que dela restou após os conflitos. Poderia ser também um ato de publicizar as dificuldades que a LPE teve até lograr atender com seus auxílios a quem foi desamparado.

História da Legião Paranaense do Expedicionário e Memória de Guerra

Ana Karen Vieira Guimarães⁶⁷

Esta seção tratará da sala em que está representada a Legião Paranaense do Expedicionário (LPE), onde se encontram fotografias de membros da FEB, quadros – como o de Getúlio Vargas - medalhas,

⁶⁷ Estudante do Curso de Bacharelado e Licenciatura em História/UFPR. E-mail: batatainsana@hotmail.com

documentos oficiais da LPE, máquinas fotográficas, artefatos religiosos, etc.

A LPE foi fundada em novembro de 1946, constituindo associação de caráter apolítico e de mútua cooperação entre ex-combatentes, visando promover a efetiva reintegração dos veteranos à sociedade, assistência médica, econômica, social e, algumas vezes jurídica. Sua fundação se deve, em parte, ao desejo de afastamento da AECB (Associação dos Ex-combatentes do Brasil), que contava com parte dos veteranos paranaenses, pois tal instituição estaria se aproximando dos ideais comunistas. Ao longo de sua história, a LPE contou com o apoio da iniciativa privada, de intelectuais e profissionais liberais. As primeiras sedes da Legião, por exemplo, foram concedidas por empresas e sociedades, até que a Casa do Expedicionário fosse inaugurada em 1951.

No entanto, que apoio tiveram do governo, esses oficiais e praças? Qual a eficácia das previstas leis de amparo? De fato, como se deu a reintegração dos veteranos à vida civil?

Ora, antes mesmo da criação das associações de veteranos já existiam algumas leis de amparo aos ex-combatentes. Leis criadas com o intuito de garantir, no pós-guerra, um retorno confortável aos cidadãos que foram convertidos em soldados. Estas estipulavam que os veteranos teriam o direito de voltar aos seus antigos empregos e receberiam 50% de seus respectivos salários, enquanto durasse a campanha. Além da garantia de preferência aos cargos públicos.

Entretanto, muitas foram as denúncias de desrespeito à legislação. Logo após voltar as suas antigas funções, muitos praças eram demitidos. Ainda, em alguns casos, os esquemas de clientelismo minavam as possibilidades de ingressar no funcionalismo público. E é neste aspecto, que as associações de veteranos – e entre elas a LPE - foram extremamente importantes no processo de reintegração dos ex-combatentes, reivindicando direitos, buscando ocupações e dando assistência.

Sala Tenente Max Wolff Filho

Daniel Dória⁶⁸

A última seção do museu é destinada ao paranaense Max Wolff Filho, um dos grandes heróis da FEB e de quem o museu toma o nome. Nascido em 29 de julho de 1911 em Rio Negro, alistou-se voluntariamente e se notabilizou não só por mortes infligidas ao inimigo, mas também por suas missões de reconhecimento e de resgate, tanto de companheiros feridos quanto de corpos deixados na terra-de-ninguém. Graças a seus feitos foi condecorado várias vezes, tanto pelo exército

⁶⁸ Estudante do Curso de Mestrado em História da UFPR. E-mail: danieldoria89@gmail.com

brasileiro quanto norte-americano, sendo ainda promovido a tenente. Por exemplo, devido à sua atuação no combate de 12 de dezembro de 1944, fora agraciado com uma Citação de Combate por parte do General Mascarenhas de Moraes, que destaca seu “desassombro” ao tomar parte nas mais perigosas missões voluntariamente. Pode-se encontrar expostas no museu as 5 medalhas originais que lhe foram concedidas, sendo elas a *Cruz de Combate 1ª Classe*, *Medalha “Sangue do Brasil”*, *Medalha de Guerra*, *Medalha de Campanha* e uma *Bronze Star* do exército norte-americano, assim como os respectivos diplomas. Morreu em combate em 12 de abril de 1945, tornando-se definitivamente um herói mártir. Entretanto, as circunstâncias de sua morte, assim como o que se sucede a ela, ainda sustentam polêmicas.

Segundo as análises presentes no livro *Os Soldados Alemães de Vargas*, de Dennison de Oliveira, Max Wolff Filho, tendo contado com uma escolaridade mínima, trabalhou, primeiramente, junto a sua família em Rio Negro como auxiliar de torrefação do pai. Em seguida, após o fechamento do estabelecimento, como escriturário de uma empresa de navegação e eventualmente como estivador, até que se deslocou para Curitiba, onde se alistara no 15º Batalhão de

Caçadores, sendo transferido no ano seguinte para o Rio de Janeiro, ingressando no 3º Regimento de Infantaria, abandonando posteriormente a carreira para junto a outros colegas se tornar instrutor e preparador dos efetivos da Polícia Municipal, onde ascenderia ao posto de comandante de Carro de Assalto. Atuou, ainda no Exército, no combate e rechaço à Revolução Constitucionalista de 1932, e como policial à Intentona Comunista de 1935 e à Ação Integralista Brasileira, em 1938. Voluntariou-se assim que soube da abertura do processo de inscrição e foi oficialmente efetivado em fins 1943, após recorrer ao serviço médico de sua antiga corporação, a Polícia Municipal, para remoção de uma hérnia que lhe impediria de passar nos exames médicos. Max Wolff Filho contava, então, 32 anos.

Max Wolff Filho, como nos mostra o livro de Dennison de Oliveira, se destacou durante sua atuação na Itália pelas suas missões extremamente arriscadas, chegando mesmo àquilo que alguns contemporâneos referem como sendo caráter suicida. Entrou em combate primeiramente na noite do dia primeiro para o segundo de dezembro de 1944. Naquela data o 1º Batalhão do 11 RI havia debandado em massa, abandonando as posições em frente ao Monte Castelo. Max se destacou por

comandar uma operação de remuniciamento, trazendo feridos no retorno. Ainda durante as tentativas de se tomar Monte Castelo, durante o ataque às localidades de Vale e Abetaia em 12 de dezembro de 1944, onde após já haver resgatado vários corpos e feridos, saiu durante a noite com mais dois padioleiros para tentar resgatar o corpo do Capitão comandante da 1ª Companhia do 11 RI, João Tarcísio Bueno. Não teve êxito, mas trouxe outros dois feridos encontrados no caminho. Outro episódio se deu ainda no dia 7 de março de 1945, durante o ataque a Castelnuovo, onde Max Wolff Filho se ofereceu, voluntariamente, junto a outros quatro auxiliares, para a arriscada tarefa de reparar as linhas telefônicas danificadas e resgatar feridos – uma tarefa perigosíssima, dado o risco de emboscadas.

Essa série de demonstrações de bravura rendeu-o uma aura de celebridade em meio às tropas. Em consequência, fora criado o Pelotão Especial, que na realidade não atendia à caracterização oficial de pelotão, tendo apenas 18 integrantes ao invés dos formalmente definidos, 41. De acordo com Oliveira, seria “na melhor das hipóteses (...) um pelotão incompleto, de

dois grupos de combate ao invés de três”.⁶⁹ Esse pelotão, apelidado pelas tropas de “Pelotão SS”, em reconhecimento ao valor combativo das tropas alemãs, segundo o Coronel Adhemar Rivermar de Almeida, principal biógrafo de Max Wolff Filho, saiu para apenas uma única missão. Nela seu comandante fora atingido e morto após ter se dirigido sem qualquer proteção em um campo arado, sozinho – tendo dispersado seu pelotão para que se deslocassem pelas laterais –, em direção a uma casa onde se encontrava um grupo de combatentes alemães, sendo atingido a cinquenta metros aproximadamente da mesma. A morte do comandante – e não só isso, do herói ali presente – desencadeou uma reação desesperada focalizada numa operação desorganizada de se tentar resgatar o corpo de Max Wolff Filho. A operação não logrou êxito, sofrendo mais uma baixa fatal e três feridos, tendo de deixar o corpo do herói Max Wolff Filho para trás. A operação se encontra narrada através do relato do Gal. Ítalo Conti, num banner da sala. Pode-se questionar esse documento na medida em que afirma que “a missão fora cumprida”, mas sem menção ao destino dos dois corpos abandonados e dos três feridos durante a tentativa de resgate.

⁶⁹ OLIVEIRA, Dennison de. **Os Soldados Alemães de Vargas**. Curitiba: Juruá, 2009. Pág. 84.

Como observa Oliveira, aquele que nunca deixara ninguém do seu grupo para trás fora abandonado na terra-de-ninguém.

Como observa Rubens de Lamarca Manna, o sentimento de grupo que existe dentro da unidade durante a guerra é algo muito forte, algo que substitui as relações familiares durante o cotidiano do combate⁷⁰. As consequências psicológicas da morte do herói Max Wolff Filho e da impotência vivenciada pelo seu Pelotão Especial por não conseguir resgata-lo podem ser notadas, por exemplo, dois dias após o episódio, após a tomada da elevação 759, nas imediações de Montese, em 14 de abril de 1945, pelo Pelotão Especial. Nessa circunstância não foram feitos prisioneiros alemães.

Outra grande polêmica que cerca a história de Max Wolff Filho é a que se refere ao destino de seu corpo. Percebe-se na documentação exposta uma grande confusão de informações. O Ministério da Guerra, no documento datado de 23 de maio de 1945, confirma o desaparecimento de Max Wolff Filho, mas afirma que “nada tem que prove estar morto”. No Boletim Especial, publicado em 2 de dezembro de 1946, encontramos uma homenagem aos mortos na guerra. Dentre eles

⁷⁰ MANNA, Rubens de Lacerda. **Alguns Aspectos da Psiquiatria Militar**. Curitiba: Tipografia João Haupf & Cia. Ltda., 1950.

está Max Wolff Filho, que, de acordo com o boletim, está sepultado no Cemitério Militar Brasileiro de Pistoia. Entretanto, no último documento exposto, datado de 3 de janeiro de 1946, de autoria do Cel. José Carlos de Senna Vasconcellos, encontramos a confirmação da morte e do desaparecimento de Max Wolff Filho à Oscar Amaral – autor de outros dois documentos expostos – além da suposição de que seu corpo tenha sido sepultado pelos alemães na Itália. Baseado nessas contradições resta a dúvida quanto ao real destino do corpo.

O exame da biografia de Max Wolff Filho é do maior interesse para estudantes de Educação Básica e também superior, pelas questões que levanta, todas diretamente relacionadas às disciplinas de História, Antropologia, Geografia, etc. Qual a relação dele com a comunidade dos indivíduos de origem germânica? De que forma ele se relacionava com a carreira, muito desprestigiada, de sargento do exército? De que forma transcorreu a transformação da sua pessoa em Herói? Que interesses teriam motivado o surgimento de diferentes versões para sua vida familiar, bem como para o destino dado ao seu corpo? Qual a relação dos praças com o sistema de promoções que os permitiria alçarem a condição de oficiais do exército? Para finalizar uma observação sobre o acervo exposto. Na sala

existe um estandarte do 1º. RI, unidade com a qual Max Wolff Filho nada teve a ver. Provavelmente está ali por razões decorativas.

Max Wolff Filho: um perfil social

Solange de Lima⁷¹

O Tenente Max Wolff Filho é paranaense, nascido no município de Rio Negro em 29 de julho de 1911, considerado um dos maiores, senão o maior herói da Força Expedicionária Brasileira.

Max Wolff alistou-se como voluntário para a FEB, bem como o voluntariado se fez presente na maior parte dos seus atos no *front*. Destacou-se por liderar patrulhas de reconhecimento e por não deixar para trás os feridos na chamada “terra-de-ninguém.” Seus atos de bravura não ficavam limitados somente ao número de inimigos abatidos e a exemplar disciplina demonstrada, mas também por sua coragem e destreza no resgate de seus companheiros feridos.

Wolff foi condecorado várias vezes, tanto pelo exército brasileiro quanto pelo norte-americano. Em sua seção no Museu é possível encontrar expostas as medalhas que recebeu, como a Cruz de Combate 1ª Classe, Medalha “Sangue do Brasil”, Medalha de Guerra,

⁷¹ Estudante do curso de mestrado em História/UFPR. E-mail: soll_evilqueen@yahoo.com.br

Medalha de Campanha e a *Bronze Star* do exército norte-americano. Morreu em 12 de abril de 1945, e é lembrado pelos seus contemporâneos como grande patriota e exemplo de militar. As condições de sua morte e o resgate do seu corpo ainda causam polemica.

Porém, a sua história na FEB não se destaca somente pelos seus feitos heróicos, mas também por sua biografia. Wolff, além de ter nascido em dos grandes núcleos de colonização alemã, possui origem germânica. Neto de um coronel da Guarda Nacional nasceu em uma região que presenciou dois grandes combates da história brasileira, a Revolução Federalista e o Contestado. Durante os dois grandes conflitos mundiais, Rio Negro também sofreu uma série de eventos violentos, protagonizados pela população contra os imigrantes. Tais acontecimentos que podem ter influenciado Wolff diretamente.

Outros fatores que também podem ter determinado o seu comportamento, muitas vezes descrito como suicida por seus companheiros de *front*, é o fato de que possivelmente possuía problemas com seu pai de origem austríaca, o que justificaria a garra com que lutava contra os alemães. E ainda o fato de seu casamento ter fracassado. Wolff muitas vezes demonstrava um desapego a sua própria vida, bem como realizou um grande esforço para conseguir embarcar para a Itália rumo à guerra. Ele possuía uma idade avançada para o serviço militar e ainda limitações físicas, que foram vencidas a fim de poder fazer parte da FEB.

Representações da Morte no Museu do Expedicionário

Adriane Piovezan⁷²

Desde sua inauguração em 1980 o Museu do Expedicionário contou com espaços dedicados à memória dos mortos caídos na Itália, tanto dentro quanto fora do prédio da Casa do Expedicionário.

Na praça em frente ao Museu, denominada Praça do Expedicionário, encontra-se em seu centro uma lápide em granito negro com o nome dos vinte e oito paranaenses mortos em combate durante a Segunda Guerra Mundial. Na lápide está a inscrição “Veteranos paranaenses mortos em combate na Itália”. Este espaço se apresenta como um memorial de guerra e como tal procura enfatizar a relação da comunidade local com o evento.

⁷² Doutoranda em História UFPR, Linha de Pesquisa Cultura e Poder. E-mail: drika@matrix.com.br

O local sempre foi destinado às homenagens aos mortos da FEB, desde o início do Museu e até hoje ainda é palco dos mesmos rituais. Em frente da lápide é depositada uma coroa de flores como forma de homenagem aos combatentes, além disso, em outros tempos nos eventos ali realizados seus nomes eram lidos durante as cerimônias.

Esta rememoração dos mortos da FEB já foi mais enfatizada do ponto de vista museológico. Na origem existia no segundo pavimento a sala “D”. Este espaço consistia em um corredor que liga as duas alas superiores do museu, hoje reservado a atividades burocráticas. Este local era chamado “espaço da lembrança” ou “espaço do sofrimento”, uma vez que a temática da sala se referia à questão da morte na guerra.

O espaço continha alguns painéis fotográficos em que ações do tipo como o transporte de feridos, sepultamento dos mortos e o próprio Cemitério Militar Brasileiro em Pistóia tinham enorme destaque no conjunto. Abaixo desta sequência fotográfica alguns objetos eram expostos. Entre eles, estilhaços, o gorro e o coturno de um soldado metralhado. Tais itens lembravam a violência e o sofrimento pelo que passaram muitos soldados brasileiros durante o conflito.

A morte também era objeto de destaque neste espaço, com a presença de padiolas e do saco mortuário, destinado a acolher e transportar até a sepultura o cadáver do soldado caído. A iluminação baixa da sala estava perfeitamente adequada a todo o aspecto temático da mesma, possuindo ainda em uma das paredes um pequeno trecho do poema de Cecília Meireles “Cemitério Militar Brasileiro de Pistóia”⁷³. Enfim, para o visitante do museu a sala era um importante espaço de lembrança de um aspecto da guerra que jamais pode ser negligenciado, a morte. Finalmente, um painel estatístico exibia a contribuição de cada município do Paraná em baixa na FEB, além de dados sociológicos sobre os convocados para a guerra no Paraná. Tal espaço foi eliminado no final dos anos 90, acompanhando uma tendência mundial do final do século XX e início do XXI de interdição da morte, do sofrimento⁷⁴.

As representações da morte em memoriais de guerra a partir deste período tendem a abrandar este aspecto dos conflitos. Geralmente os termos usados referem-se aos soldados

⁷³ MEIRELES, C. Cemitério Militar Brasileiro em Pistóia, In: **Poemas Italianos**. São Paulo: Instituto Ítalo-brasileiro, 1968. p. 78-81.

⁷⁴ WINTER, Jay. **Sites of Memory, Sites of Mourning: The Great War in European Cultural History**. Cambridge University Press, 1995.

que “tombaram” e não “morreram”⁷⁵, aos homens que “se sacrificaram” e não que “mataram” outros homens. Também o vocabulário empregado nestes locais expositivos prefere expressões como o de “vidas dadas” e não “tiradas” pelo dever com a Pátria. A simbologia que predomina é a do dever e do sacrifício para com o coletivo, enquanto que questões individuais são ignoradas⁷⁶.

Mesmo antes de se constituir em espaço de museu, a Legião Paranaense do Expedicionário sempre se preocupou em lembrar os mortos em combate. Já em 1947 a LPE mandava rezer missas, muito concorridas, em memória do sargento Max Wolff Filho. Alguns documentos mostram que no ano de 1952 foi realizada pela instituição uma campanha que visava arrecadar dez centavos de contribuição por indivíduo no Estado para que fosse possível a compra de flores para as lápides do Cemitério Militar Brasileiro de Pistóia no dia 02 de novembro daquele ano. Desta forma, a rememoração dos caídos

⁷⁵ HOWARTH, G. & LEAMAN, O. **Enciclopédia da Morte e da Arte de Morrer**. Lisboa: Quimera Editores, 2001.

⁷⁶ FERRAZ, F. & PIOVEZAN, A. **Imagens da Morte nos Documentários Brasileiros Sobre a Segunda Guerra Mundial**. In: OLIVEIRA, D. (org.) **História e Audiovisual no Brasil do Século XXI**. Curitiba, Juruá, 2011.

na Itália durante a guerra sempre esteve presente nas ações da Legião e no Museu do Expedicionário em Curitiba.

Outro elemento que exemplifica esta preocupação com os mortos da FEB é a compra e manutenção de um mausoléu pela Legião Paranaense do Expedicionário no Cemitério Municipal Água Verde em Curitiba. Construído em 1963 o Mausoléu contava com 27 sepultamentos até o ano de 1977. A construção deste mausoléu parece ter eliminado um problema sério verificado nos primeiros anos da existência da Legião Paranaense do Expedicionário. Em seu livro *Verdades e Vergonhas da FEB*, Leonércio Soares⁷⁷ descreve em tom indignado que duzentos ex-combatentes teriam sido enterrados como indigentes poucos anos após o retorno da Itália. Embora o autor possa ter exagerado no número exato de veteranos que tiveram este fim, o fato é que em muitos documentos encontrados nos arquivos da Legião Paranaense do Expedicionário demonstram que a instituição procurava providenciar o velório, com flores, féretro, além de transporte, para os ex-combatentes falecidos cujas famílias não tinham condições de arcar com tais despesas.

⁷⁷ SOARES, L. **Verdades e Vergonhas da Força Expedicionária Brasileira**. Curitiba: Editora do autor, p.339, 1985.

Tais elementos enfatizam as atitudes diante da morte por parte dos brasileiros que combateram durante a Segunda Guerra Mundial e como a rememoração dos mortos permite enfatizar a ligação entre o evento e a comunidade local pelo viés da humanização dos envolvidos.

Hiroshima e Nagasaki

Augusto Alves⁷⁸

“Meu Deus, o que foi que nós fizemos”? Eram 8hs, 16mins, 8s do dia 6 de agosto de 1945, uma segunda-feira. Foi a primeira reação de um dos tripulantes do avião Enola Gay após presenciar a devastação produzida pela primeira bomba atômica jogada sobre uma cidade povoada. O bombardeiro B-29 pilotado pelo coronel Paul Tibbets decolou da base aérea de Tinian, no arquipélago das Marianas no Pacífico Ocidental a aproximadamente 6 horas de vôo do Japão. A meteorologia determinou a escolha do dia 6. No momento da decolagem o tempo estava bom. O capitão da marinha William Parsons armou a bomba durante o vôo, desarmada durante a decolagem para minimizar os riscos. O ataque foi executado como o

⁷⁸ Estudante do curso de História, Memória e Imagem/UFPR. E-mail: augustodusguinho@hotmail.com

planejado, a arma de fissão com 60kg de Urânio - 235 comportou como esperado: "Little Boy", era o nome da bomba.

Eram 3 aviões: o Enola Gay, o The Great Artist (O Grande Artista) e o Necessary Evil (Mal Necessário). Existe no Museu do Expedicionário uma boa maquete do Enola Gay. O primeiro transportava a bomba, o segundo gravava e monitorava toda a missão, e o terceiro era encarregado de filmar e fotografar a explosão. A bomba explodiu a cerca de 580 metros acima do solo com potência equivalente a 13 mil toneladas de TNT matando instantaneamente um número estimado em 80 mil pessoas e destruindo mais de 90% das construções da cidade. No total, incluindo as vítimas da radiação, chegou a 140 mil mortos.

Na manhã do dia 9 de agosto três dias depois da primeira bomba o B-29 batizado de Bock's Car, pilotado pelo major Charles W. Sweeney carregou a bomba de nome "Fat man" para seu alvo, a cidade de Kokura, na província japonesa de Fukuoka. Mas o tempo nublado impediu a visualização da cidade, sendo escolhido a segunda opção, Nagasaki. Ela era a maior comunidade cristã do Japão, o maior e mais importante porto de mar do sul do país, tinha uma atividade industrial de grande importância produzindo canhões, munições, navios, equipamentos militares e outros materiais de guerra.

O capitão Kermit Beahan ao avistar o alvo solta a "Fat man". Eram 11 horas e 2 minutos da manhã. A carga era de 6.4Kg de plutônio-239 com potência equivalente a 22 mil toneladas de TNT, 1

vez e meia mais potente da que foi jogada em Hiroshima. Os americanos não consideravam Nagasaki "um alvo ideal" porque a cidade é rodeada por montanhas o que diminuiria a devastação de gente e de edifícios. A explosão foi a 470 metros a cima do solo. Cerca de 40 mil foram mortos instantaneamente e entre 30 mil e 60 mil ficaram feridos. Os mortos chegaram a 80 mil incluindo os que morreram pela radiação.

Em acréscimo ao calor e ao impacto, a bomba atômica trouxe uma terceira forma de morte, particularmente traiçoeira: a radiação. Uma pessoa exposta a bomba em pouco tempo começava a cair o cabelo, acompanhado de outros sintomas como pequenas bolinhas avermelhadas na pele e sangramento da gengiva. Em seguida as vítimas começavam a se sentir cansadas. Entre 3 e 10 dias após o aparecimento desses sintomas as pessoas morriam. Descobriu-se que a radiação, tendo penetrado a medula óssea e as glândulas linfáticas, destruía os glóbulos brancos do sangue e tinham características mutagênicas. Essas sequelas duraram décadas. Como é usual, existe no Museu do Expedicionário uma foto do cogumelo atômico.

Curitibanos na Luftwaffe: histórias quase anônimas

Isabelle Giotto Rocker⁷⁹

⁷⁹ Estudante do Curso de Bacharelado e Licenciatura em História/UFPR. E-mail: isabellerocher@uol.com.br

Ser um curitibano nascido nos anos de 1920 significava ter uma vida e alternativas de futuro distintas de hoje – a política, a economia, a vida social e familiar tinham outros contornos. Neste período, o leque do que poderia vir a acontecer teve algo particularmente inusitado para aqueles que nasceram na cidade, como muitos, mas cujos pais eram alemães. Estes jovens descendentes viviam em um país que dentro em breve romperia relações com a Alemanha (1942), ficando com os Aliados na II Guerra. Como era se sentir brasileiro e alemão ao mesmo tempo? Estando em Curitiba, morava-se em solo amigo ou inimigo? Como iriam tratá-los? Estas duas histórias dão um pouco de ideia do que pode ter sido esta experiência. Norberto Toedter nasceu em Curitiba em 1929. Conta que morava com os pais, alemães, em uma casa agradável na rua Carlos de Carvalho. Andava de bicicleta pela cidade, frequentava uma escola e grupos recreativos germânicos. O pai, “que não seria capaz de qualquer ação subversiva”, foi detido no presídio do Ahú, por representar uma ameaça nazista, segundo relata. A mãe, secretária no consulado alemão local, optou por voltar para Hamburgo, na Alemanha, e o governo brasileiro autorizou a saída de toda a família. Em meio à guerra já em território alemão, o adolescente Toedter conta ter feito parte da *Deutsches Jungvolk* (organização nazista para jovens), sido voluntário na Luftwaffe (força aérea nazista) aos 15 anos e preparado trincheiras em seu bairro quando soviéticos entravam no

país. Em uma derradeira convocação do exército, diz ter inventado que fez um juramento de neutralidade na viagem de vinda do Brasil, argumento aceito, fazendo-o escapar dos confrontos finais e já irremediavelmente perdidos.

Uma outra história é a de Egon Albrecht, nascido no bairro do Boqueirão em Curitiba em 1918. Pouco se sabe sobre o que ocorreu entre a vida curitibana até a ida à Alemanha, mas temos notícias do que vivenciou lá. Recrutado pelo III Reich, Albrecht viveu o lado brutal da guerra nas frentes ocidental e oriental. Como piloto da aviação de caça, foi condecorado com a Cruz de Cavaleiro da Cruz de Ferro, a principal distinção da força aérea nazista. Consta que morreu em combate aos 26 anos, após o seu avião ser abatido no ar, na França logo após o desembarque Aliado na Normandia (junho/1944).

Sabemos que houve um apelo de Hitler no sentido de que as pessoas de descendência germânica vivendo fora da Alemanha, não só podiam, mas deveriam se juntar ao Reich para garantir sua expansão. Alguns foram, outros não. O que teria acontecido com Albrecht? Esta resposta ainda está em aberto. Mas, o que é possível concluir destas breves reflexões traz algo talvez menos objetivo e não menos doloroso: a multiplicidade de vivências, aflições e conflitos étnicos e humanos gerados na II Guerra, o maior e mais devastador embate sofrido pela humanidade em sua história. E acabou há apenas 67 anos.



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
IMPRESA DA UFPR
RUA BOM JESUS, 650 - JUVENÉ
CURITIBA - PARANÁ - BRASIL
WWW.IMPRESA.UFPR.BR
IMPRESA@UFPR.BR